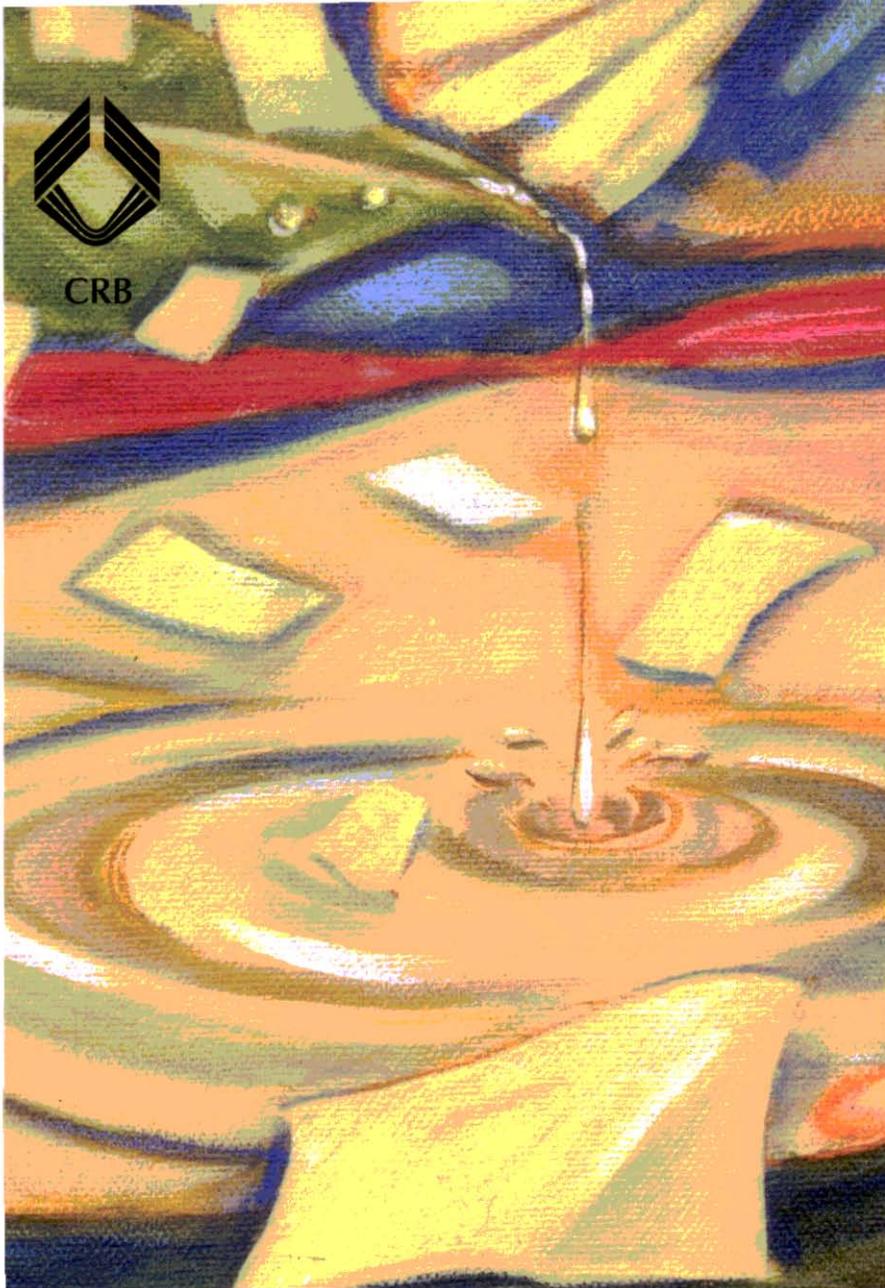




CRB



DEZEMBRO 2009 • XLIV • n° 427

CONVERGÊNCIA

- Superiores, não exaspereis vossos religiosos (cf. Ef 6,4)
- Deus Migrante. Para uma experiência cristã de êxodo e miscigenação
- Natal: o nascimento do Messias.
O presépio: memória e reconhecimento do Messias
- Vida Religiosa Consagrada: um sinal de Deus na Modernidade líquida

Editorial

“Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22,20b)..... 721

Palavra da Igreja da América Latina e Caribe

Declaração de Manaus – III Encontro Regional sobre a Amazônia..... 724

Informes

CERNE: Oceano Luminoso no universo da Vida Religiosa do Brasil..... 730

Artigos

Superiores, não exaspereis vossos religiosos (cf. Ef 6,4)
ELIANA FAGUNDES SANTANA E GIOVANNI CIPRIANI..... 738

Deus Migrante. Para uma experiência cristã de êxodo e miscigenação
CARLOS MENDOZA ALVAREZ E JUANA ANGELES ZARATE ZELEDÓN 749

Natal: o nascimento do Messias. O presépio: memória e reconhecimento
do Messias – PAULO DULLIUS 769

Vida Religiosa Consagrada: um sinal de Deus na Modernidade líquida
CÉSAR THIAGO DO CARMO ALVES 776

Esta revista segue a nova ortografia da Língua Portuguesa.

A ilustração da capa, de Irineu Anderson S. Pereira, msc, mostra um pingo d'água que brota da folha da esperança, como orvalho sobre o deserto, e gera ondas. Uma faixa vermelha atravessa o desenho, simbolizando o projeto do Reino que, como sangue, sustenta a vida, e é presença do Espírito Criador e Salvador que impulsiona e sustenta a caminhada da vida religiosa.

**CONVERGÊNCIA**

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vítório, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2009: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

O tempo está para dar à luz. A humanidade anseia pelo “rebento novo” que se anuncia. Os sentimentos que nos envolvem nestes dias em que a liturgia nos convida, mais uma vez, a fazer a experiência de acolher a esperança, tocam profundamente as mais diversas realidades nas quais imerge o universo inteiro.

O nosso cotidiano é permeado de contradições: luzes iluminam e alimentam esperanças e sonhos de que, num dia, ainda que longínquo, tudo possa dar certo. Sombras espessas, com muita frequência, assustam, diminuem a ousadia de quem se atreve a “esperar contra toda esperança”.

Neste número de *Convergência*, leitores e leitoras encontram uma coletânea de artigos que, aparentemente desconectados entre si, nos ajudam a percorrer um itinerário linear. A constatação da realidade e a visibilização de estratégias para não diminuirmos o passo rumo a um futuro alentador são ferramentas preciosas para mantermos a dinâmica de seguidoras e seguidores de Jesus num mundo em constante transformação.

E a transformação desejada parte de mulheres e homens que, mesmo conscientes de serem acossados por desafios abatedores, professam a fé na força e na persistência de quem não coloca a ganância em primeiro lugar, mas se arrisca a apostar na vida. Este é o teor da Palavra da Igreja da América Latina e Caribe. A Declaração de Manaus é o eco de um grito que vem de longe, entoado por classes de pessoas conscientes do valor do grande bem que é para toda a hu-

manidade, a Amazônia em todo o seu contexto. É preciso conter a devastação. É necessário construir o novo.

A construção de algo verdadeiramente renovado foi o que levou Pe. Giovanni Cipriani e Eliana Fagundes Santana a desenvolver uma reflexão inovadora que provoca, em quem dela toma conhecimento, a coragem para viver a condição de consagrados e consagradas, numa ótica de crescimento e não de anulação da pessoa. "Superiores, não exaspereis vossos religiosos" nos apresenta três níveis importantes do desenvolvimento da maturidade da pessoa em formação, e nos faz ver que uma verdadeira e autêntica liderança não é aquela que faz cumprir ordens, mas aquela que convive e cresce junto com o grupo do qual faz parte.

Foi caminhando com o povo, respeitando o seu ritmo e oferecendo motivações para continuar avançando, que Deus preparou gerações para acolher a pessoa de Jesus de Nazaré. Carlos Mendoza Alvarez, op, e Juana Angeles Zarate Zeledón, csc, no texto "Deus migrante", nos apresentam Deus que caminha com o povo escolhido, numa itinerância compassada, respeitando o ritmo dos que caminham com ele. Mulheres e homens aceitaram o desafio de se pôr em marcha rumo a um tempo novo até a chegada do Messias, que se faz migrante com os migrantes de sua época.

Sua identidade como migrante é marcada desde o berço, ao nascer fora de seu lugar de origem. Em "Natal: o nascimento do Messias. O presépio: memória e reconhecimento do Messias", Ir. Paulo Dullius, fsc, nos traz a simbologia dos elementos que nos são apresentados pelos Evangelhos, e aqueles implícitos no contexto rural em que o nascimento de Jesus é apresentado. Nas eras subsequentes, muito do que ensinou e praticou o peregrino Jesus de Nazaré foi distorcido e maquiado por quem se dizia seguir o mesmo caminho. A Vida Religiosa no contexto do Cristianismo pleiteia um estilo de vida que questione a sociedade pós-moderna, tão desconectada do sagrado.

Ao escrever sobre a "Vida Religiosa Consagrada: um sinal de Deus na Modernidade líquida", César Thiago do Carmo Alves, fmi, provoca religiosas e religiosos a uma tomada de

consciência sobre como estamos inseridos “nesta realidade de Modernidade líquida e quais são os desafios a ela apresentados”. O autor chama a atenção para a importância de preservar uma espiritualidade que fortaleça a missão e a comunidade como um sinal de comunhão, e conclui dizendo: “A Vida Religiosa Consagrada na Modernidade líquida é um sinal profético da presença de Deus no mundo”.

É assim, revigorados por tantos sinais de esperança e de possibilidades que nos abrem novos canais de vida nova, que deixaremos a luz sobressair às sombras, e caminharemos com segurança ao lado do divino Peregrino para construir espaços novos e promotores da “vida em plenitude”, a que ele se propôs em sua itinerância terrena.

IR. MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

Declaração de Manaus III Encontro Regional sobre a Amazônia

Convocados pelo Conselho Episcopal Latino Americano – CELAM, reunimo-nos, nos dias 1^a a 4 de outubro de 2009, em Manaus – Brasil, 65 pessoas, entre bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas, provenientes da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Honduras, México, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. Num ambiente de estudo e oração, inspirando-nos nas propostas e desafios apontados pelo Documento de Aparecida e nos Documentos do Magistério dos últimos 40 anos, buscamos examinar a problemática sociopastoral das dioceses da Amazônia.

A participação de países não amazônicos é testemunho de que a Amazônia é uma realidade que interessa ao mundo inteiro.

Nós nos colocamos em uma atitude de escuta e contemplação, com o coração aberto à esperança, dispostos a aprender e buscar caminhos novos.

A experiência desses dias de unidade e comunhão nos fortaleceu na consciência de que a unidade pastoral é a única fonte da missão evangelizadora.

1. Descobrimos a importância da sensibilidade aos estilos de vida de nossos povos da Amazônia, e também respeitar e cuidar de todas as formas de vida que nela existem (*Gaudium et spes*, n. 1). Por isso manifestamos nossa preocupação pelas múltiplas ameaças que se acercam dessa região e preocupam toda a Igreja e o mundo inteiro.

2. Em primeiro lugar precisamos reconhecer a Amazônia com dom de Deus em sua criação. Esse dom tem como característica particular a diversidade múltipla, tanto de climas, biomas, rios e recursos naturais, como também tradições históricas, culturais, linguísticas e regionais dos povos autóctones que aí habitam. Esta característica inerente permite pensar a região como um verdadeiro “arquipélago” amazônico, mais do que uma única região uniforme.

3. Sem restrições, no imaginário coletivo prevalecem compreensões equivocadas sobre esta diversidade de “Amazônias” que devem ser descartadas: a suposta homogeneidade de ecossistemas e povos, a idéia de que é a última fronteira da humanidade e precisa ser ocupada, a inesgotabilidade de suas riquezas, o de ser o “pulmão do mundo”, a habitação indígena como freio de desenvolvimento para a sociedade, lugar estratégico para a solução de problemas econômicos e a ameaça de sua internacionalização, entre outras.

4. As pressões que se abatem sobre a integridade da Amazônia justificam-se por três aspectos: o crescimento econômico extrativista, o crescimento econômico bioambiental latente e o crescimento urbano vertiginoso. Esses três aspectos compartilham as mesmas ameaças: desmatamento, contaminação de rios e biomas, deslocamento dos povos indígenas e aniquilamento da biodiversidade.

5. O modelo de crescimento econômico extrativista concebe, em seu imaginário, a Amazônia como fonte inesgotável de recursos naturais renováveis e não renováveis, para exportação, tanto pelas indústrias extrativistas (petróleo, gás, minerais, madeira, água), como pela expansão agrícola (agronegócios, mercadorias) e geração de energia hidroe-létrica. O modelo econômico bioambiental latente vê na Amazônia e nas culturas dos povos que a habitam um valor comercial potencial que se deve preservar para apropriar-se do conhecimento e disponibilidade do material biótico existente para uso farmacêutico e cosmético. Tanto o primeiro quanto o segundo respondem à mesma racionalidade

mercantilista de maximização da ganância, muitas vezes em prejuízo das pessoas, dos direitos dos povos e do ambiente.

6. Durante as últimas décadas, o movimento interno de pessoas provocou um crescimento vertiginoso das cidades da Amazônia, somando hoje, mais de 70% da população da região. Este aspecto de pressão sobre a Amazônia deteriora não só a qualidade das águas de seus rios e a preservação da floresta circundante, como também as condições de vida das pessoas que vivem nas periferias mais empobrecidas das cidades, perdendo sua memória e tradições históricas. O tráfico de seres humanos e a proliferação das drogas são os maiores sofrimentos que se experimenta em todas as áreas.

7. As políticas dos estados envolvidos e seus megaprojetos cooperam para a modernização e expansão de infraestruturas que favoreçam a integração entre os países como marca da racionalidade mercantilista ocidental de maximização da ganância. Com isso se violam os direitos dos povos indígenas e afro-descendentes ao espaço territorial e moradia, à água potável, à educação, à saúde e ao trabalho, expressamente contidos em leis regulamentares vigentes e nos tratados internacionais sobre os direitos humanos adquiridos por nossos países. É necessário que essas políticas se responsabilizem pela preservação da biodiversidade biológica e socio-cultural da Amazônia.

8. Neste encontro nos deixamos interpelar pela Boa-Nova de Jesus de Nazaré, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,16), que veio para dar-nos vida e vida em abundância (Jo 10,10). Com as comunidades do Antigo Testamento e com os povos indígenas da América, louvamos ao Senhor “que criou o universo como espaço para a vida e a convivência de todos os seus filhos e filhas, e no-los deixou como sinal de sua bondade e de sua beleza”.

9. A criação como dom é ação amorosa e gratuita de Deus. Um dom que nos fala do Criador (cf. Rm 1,20) e de seu amor por nós, destinados a encontrar nossa plenitude em Cristo no final dos tempos (cf. Ef 1,9-10; Cl 1,19-20). A humanidade como parte constitutiva da criação, solidária

com a natureza pela carne e dotada de um espírito que a assemelha ao Criador, tem como tarefa preservar e caminhar pelos caminhos possíveis da criação. Desafia-nos a trabalhar uma teologia trinitária e uma cristologia que nos ajude a descobrir as sementes do Verbo na Amazônia, e a dialogar com as espiritualidades presentes nela. A força do mistério da Encarnação, Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo nos impulsiona para a inserção e libertação da criação, assim como o aprofundamento de uma reflexão teológica contextualizada nas realidades amazônicas.

10. A Amazônia é parte da criação e temos responsabilidades para com ela, o que nos leva a respeitar a biodiversidade e a sócio-biodiversidade. Esta responsabilidade nos leva a reconhecer a sabedoria milenar e a espiritualidade dos povos tradicionais que nela habitam; também a reconhecer neles os rostos de Cristo sofredor, a valorizar seu trabalho comunitário e solidário, gerando uma nova economia e uma nova sociedade; e a bendizer ao Senhor por tantos leigos e leigas, religiosos e religiosas, presbíteros e bispos que doaram e doam suas vidas até o martírio, para dar vida aos povos amazônicos.

11. No contexto da memória de São Francisco de Assis, entoamos o Cântico das Criaturas, recordando que “nossa irmã, a mãe terra” é nossa casa comum que devemos cuidar como “anjos” inteligente e nobres da natureza (cf. Gn 2,15), e não como “exploradores e destruidores sem nenhum reparo”. Por isso aderimos às palavras do Papa Bento XVI, afirmando que “o modo como o homem trata o universo, influi na maneira como trata a si mesmo, e vice-versa”, o que nos anima a fortalecer essa “aliança entre o ser humano e o meio ambiente, que deve ser reflexo do amor criador de Deus do qual procedemos e para o qual caminhamos”.

12. É imprescindível acompanhar os povos indígenas na vivência e expressão da fé e em seu processo de ser protagonista da evangelização e da transformação da sociedade a partir de sua história e de seus valores culturais. A serviço deles estão as instituições da Igreja como o CELAM, as

Conferências Episcopais, as Comunidades Eclesiais de Base e as pastorais diocesanas. Solicitamos ao CELAM a criação de uma instância que favoreça a articulação e colaboração, tanto entre os países da Amazônia Continental como dos demais países da América Latina e Caribe.

13. Devemos buscar os mecanismos eclesiais e participar nas instâncias das organizações civis para o desenvolvimento humano, que incentivem e favoreçam todos os esforços dos povos amazônicos para criar e manter suas próprias organizações de base, pela reivindicação e consolidação dos direitos da Amazônia, e pela busca de uma verdadeira justiça ecológica.

14. Finalmente, com os bispos latino-americanos e caribenhos, entendemos que “a melhor forma de respeitar a natureza é promover uma ecologia humana aberta à transcendência que, respeitando a pessoa, a família, os campos e as cidades, segue a indicação paulina de recapitular todas as coisas em Cristo, e com ele glorificar o Pai (cf. 1Cor 3, 21-23)”. Por isso é necessário interessar-se e colaborar com as universidades e o mundo científico da América Latina para a realização de estudos, a fim de verificar como estão os direitos ambientais, sociais, culturais e econômicos da Amazônia em nossos países. Devem enfatizar-se linhas de pesquisa e docência interdisciplinares que abram perspectivas para a elaboração de paradigmas teóricos alternativos de economia e desenvolvimento voltados para a pessoa, o trabalho e a solidariedade, e não a maximização da ganância.

15. Como discípulos de Jesus, nós nos sentimos convidados a render-lhe graças pelo dom da criação, reflexo de sua sabedoria e beleza do Criador. No desígnio maravilhoso de Deus, o homem e a mulher são chamados a viver em comunhão com ele, entre si e com toda a criação. A Amazônia, como parte da criação, é mediação para a experiência de Deus, na qual podemos perceber os sinais da sua presença. Recuperar o olhar fiel, de gratuidade e de beleza sobre ela, nos permite crescer num estilo de vida mais austero e simples. Desse modo as gerações futuras também terão acesso à

contemplação de Deus que se manifesta em suas criaturas. “As gerações que nos sucederão têm o direito de receber um mundo habitável, e não um planeta com o ar contaminado”. Nós acolhemos a contínua proteção da Virgem Maria, Mãe da Amazônia, invocada sempre por nossos povos com amor de filhos.

PARTICIPANTES DO
III ENCONTRO REGIONAL SOBRE A AMAZÔNIA

CERNE: Oceano Luminoso no universo da Vida Religiosa do Brasil

Memória histórica

A CRB, na sua missão de animar a Vida Religiosa no Brasil, idealizou e assumiu, na Assembléia Geral de 1977, o CERNE – Centro de Renovação Espiritual, destinado aos religiosos, padres, irmãs, irmãos com 25 anos ou mais de Vida Religiosa, trabalhando na base, e que nunca tiveram a oportunidade de parar para uma reflexão mais longa e mais profunda sobre a própria consagração.

Para entendermos o CERNE, precisamos voltar ao século passado. Na década de 1960 a Vida Religiosa foi violentamente sacudida pelo Concílio Vaticano II. A tradicional clausura e a fuga do mundo foram substituídas pela inserção no mundo. Embora se falasse em volta às fontes, o termo que despertou entusiasmo, medo e confusão foi mesmo *aggiornamento*, isto é, trazer para hoje, atualizar-se. Muitos(as) religiosos(as) e muitas Congregações se sentiram desorientados e perdidos em meio às mudanças, ou, como se dizia então, diante dos ventos da história. Era muito difícil discernir o que vinha do Espírito e o que era modismo. Era difícil optar entre a aparente tranquilidade do passado e os desafios do presente.

Padre Jaime Sullivan, oblato de Maria Imaculada, foi a alma do CERNE, que, inicialmente, teve como objetivo geral proporcionar um programa de renovação que auxiliasse os(as) religiosos(as) a perceber suas potencialidades e o melhor jeito de colocá-las a serviço de Deus e da humanidade. Com esse objetivo queria ajudar a Vida Religiosa a ava-

liar atitudes, adquirir conhecimentos e treinar capacidades, fornecendo aconselhamento pessoal para um crescimento integral.

Em regime de internato, o CERNE incentivou uma vivência comunitária e criativa em vista de uma atualização espiritual, religiosa e pessoal que melhor capacitasse o participante em sua missão. Também proporcionou conteúdos e exercícios e deu oportunidades para uma real experiência de Vida Religiosa Consagrada que conduz a uma conversão pessoal, a uma capacitação para a vida fraterna comunitária e a uma participação ativa e criativa na ação apostólica.

O curso seguiu três linhas mestras:

- 1) A temática da vida espiritual, que visou integrá-la e encarná-la no mundo.
- 2) A programação com conteúdos e experiências que levassem a pessoa a um relacionamento íntimo com Deus, deixando-se conduzir ao amor fraterno.
- 3) Um aprofundamento do significado da Vida Religiosa Consagrada no Brasil e a vivência de uma comunidade religiosa fraterna motivada para um incentivo apostólico e uma missão atualizada e criativa.

A dinâmica do CERNE consistiu em um repasse de conteúdos atualizados, reflexão individual e em grupos, troca de experiências, oração individual e comunitária, participação nas responsabilidades grupais, atividades sociais, orientação espiritual individual, retiro dirigido de oito dias com oração orientada.

- CERNE I – de 19 de agosto a 30 de setembro de 1977, no Centro Educacional Sagrado Coração de Jesus, Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro. Teve 39 participantes: 33 religiosas e 6 religiosos de 25 Congregações provenientes de treze Estados. Na coordenação, Padre Jaime Sullivan e Irmã Theresa Nunes, Filha da Caridade.
- CERNE II – realizado no mesmo local, em outubro e novembro do mesmo ano, contou com 43 participantes, sendo 36 religiosas e 7 religiosos provenientes de doze estados da Federação.

- CERNE III – aconteceu de 25 de agosto a 30 de setembro de 1978, no Convento Madre Regina, Petrópolis, Rio de Janeiro. Contou com a participação de quarenta pessoas de 25 Congregações: 19 femininas e 6 masculinas, procedentes de onze estados da Federação.

Os primeiros quatorze eventos tiveram como sede a Regional do Rio de Janeiro. A partir de 1982, o CERNE se expandiu para as demais Regionais do Brasil e com mais frequência, procurando favorecer o maior número possível de religiosos e religiosas. Naquele ano foram realizados cursos em Manaus, Fortaleza, Belo Horizonte e São Leopoldo.

Completando 32 anos de colaboração na formação permanente da Vida Religiosa Consagrada junto aos Institutos Religiosos e já tendo passado por algumas revisões e reformulações, na busca de aprimoramento para melhor servir, o CERNE chega à CENTÉSIMA edição, acolhendo religiosos e religiosas do Brasil e de outros países da América Latina, bem como da Europa e África. Nessas cem edições, 4.392 religiosos e religiosas viveram a experiência, sendo 3.774 irmãs e 618 irmãos e padres.

Contamos com mais ou menos 270 *assessores*, sendo que alguns tiveram anos de caminhada no CERNE. Também foi grande o número de *orientadores espirituais* (7-8 por edição) que se envolveram na experiência dos cernistas.

Nos primórdios, o CERNE foi marcado por um estilo acadêmico, com muitos dias dedicados aos documentos da Igreja, sobretudo do Concílio Vaticano II e de Medellín. Hoje o CERNE procura ser uma grande experiência intercongregacional, com três mergulhos básicos: na pessoa, na comunidade e em Deus.

Neste sentido se afirma que o CERNE não é propriamente um curso, mas uma grande experiência comunitária e intercongregacional, onde perpassam as linhas mestras da Conferência dos Religiosos do Brasil. Numa dinâmica de partilha de vida, de oração, de reflexão e de avaliação pessoal e comunitária, proporciona a retomada da vida, da consagração e da missão com maior coerência e novo vigor.

Assim, na dinâmica do CERNE, destacam-se:

- conteúdos abrangendo as dimensões psicológica, espiritual, teológica e social;
- celebrações litúrgicas diárias;
- tempo para a oração pessoal;
- experiência de comunidade de vida (Grupo de Vivência);
- lazer e recreação comunitária;
- experiência de partilha da caminhada pessoal com um(a) *orientador(a) espiritual*;
- exercício de serviços fraternos;
- partilha de experiências apostólicas e do *carisma congregacional*;
- dias de deserto e *retiro* final, personalizado.

O CERNE desenvolve essa dinâmica para alcançar os seguintes objetivos:

- proporcionar às religiosas e aos religiosos, a partir de quinze anos de profissão, a oportunidade de fazer uma releitura de sua Vida Consagrada em todas as dimensões e de sua missão, ressignificando o seu seguimento de Jesus Cristo;
- motivar, pela vivência fraterna sororal criativa, a revitalização dos relacionamentos interpessoais, num clima de verdade, de confiança, para um reencantamento pela Vida Consagrada;
- oferecer conteúdos atualizados que proporcionem um aprofundamento humano, teológico, espiritual, social, para retomada com mais entusiasmo, coerência e novo vigor da vida, consagração e missão;
- oportunizar a intensificação da vida de oração, com a ajuda do *orientador espiritual*, para propiciar uma profunda experiência de Deus e o cultivo de uma mística enraizada na Palavra (Leitura Orante).

A centésima edição do CERNE – Centro de Renovação Espiritual, realizou-se de 20 de setembro a 30 de outubro

de 2009, na Casa de Retiros “São José”, em Belo Horizonte. Nos dias 19 e 20 de outubro houve uma celebração festiva para marcar esse momento importante no itinerário da formação permanente assumido pela CRB-Nacional. A divulgação do evento foi feita em nível nacional, convidando religiosos e religiosas que já fizeram a experiência de renovação espiritual.

Além dos 55 inscritos para o CERNE 100, tomaram parte no evento outros 155 religiosos e religiosas procedentes de vários estados do Brasil. Através da assessoria da CRB-Regional Belo Horizonte, coordenada por Irmã Solange de Fátima Damião, crsd, os(as) participantes foram acolhidos(as) em comunidades religiosas de Belo Horizonte. A coordenação geral foi de Irmã Francinete Amorim, mc, e Padre Mário César do Amaral, sac, ambos *assessores executivos para a formação permanente*, e com eles formaram equipe Irmã Izelba Maria Volpato, fmma, e Irmã Maria Velleda Saraiva, insc. Irmão Paulo Petry, presidente da CLAR, vice-presidente da CRB-Nacional e superior da Província Lassalista de São Paulo, foi o animador da festa.

Após a apresentação do lema “Oceano Luminoso”, a celebração foi permeada pela Leitura Orante da Palavra de Deus, dinamizada pelo grupo de ex-cernistas de Porto Alegre, que abriu o espaço orante, seguido da dança da Palavra, feita pela Regional de Recife, encerrando com um momento marial animado pela Regional São Paulo. A apresentação transcorreu dentro da leitura do histórico dos 99 CERNEs ocorridos até então, e cada grupo se apresentou à medida que aparecia seu respectivo CERNE.

Outro espaço significativo foram as dez tendas espalhadas no jardim da Casa de Retiros “São José”. Em cada uma delas havia dez listas com nomes dos participantes dos cem CERNEs.

Na celebração eucarística do dia 20 de outubro, Irmã Elza Ribeiro, ipg, iniciou com um acróstico da palavra CERNE dizendo:

“Eucaristia é Ação de Graças e não missa!

Esta é uma Eucaristia de Ação de Graças, marcando o acontecimento que aqui nos congrega: a realização de 99 e a abertura do Centésimo CERNE.

Ação de Graças pela CRB, que mantém o ritmo desta oferta de renovação à Vida Religiosa Consagrada do Brasil e de tantos outros países. Ação de Graças porque o CERNE chega à CENTÉSIMA edição, acolhendo religiosos e religiosas do Brasil e de outros países da América Latina, bem como da Europa e África. Nestas cem edições, 4.392 religiosos e religiosas viveram a experiência, sendo 3.774 irmãs e 618 irmãos e padres. Contamos com mais ou menos duzentos e setenta *assessores*, sendo que alguns tiveram anos de caminhada no CERNE. Também foi grande o número de *orientadores espirituais* (7-8 por edição) que se envolveram na experiência dos cernistas.

Ação de Graças pelos 57 religiosos e religiosas que hoje estão aqui, para embarcar nesta aventura e ajuntar mais umas gotas de água neste grande Oceano Luminoso”.

Caminha

Encanta-te

Renova-te

Norteia-te

Entrega-te

Foram dois dias de encontros e reencontros, de celebração alegre e emocionante.

Todos(as) com vontade de continuar navegando no Oceano Luminoso da Vida Religiosa, que é serviço, testemunho, vida e entrega no seguimento de Jesus. Aos que já viveram esta experiência, nosso abraço carinhoso. Aos que participaram do CERNE 100, nossos votos de que seja de grande proveito e crescimento pessoal. E aos(às) religiosos(as) com mais de quinze anos de votos perpétuos vai aqui o nosso convite para que participem das próximas edições: CERNE 101, 102, rumo ao CERNE 200, como nos dizia a presidente nacional da CRB, Irmã Márian Ambrosio, dp:

“De 9 de junho a 25 de julho tive o privilégio de participar do CERNE em Belo Horizonte, Minas Gerais. Fui com imensa alegria, pois, como diz São João da Cruz, ‘no oceano do amor divino cada um colhe de acordo com a capacidade do cântaro que traz’”.

Que foi o CERNE para mim?

- O CERNE foi um convite para AVANÇAR em profundidade com Deus; grande apelo para a alegria diante da vida: reencantar-nos, voltar ao “amor primeiro” recriando o caminho mais seguro do seguimento de Jesus Cristo.
- Foi uma oportunidade de avaliar o passado e pensar no futuro... colocando-me em busca do que é essencial, do que é mais definitivo na linha “SER”.
- Relembrei coisas já ouvidas... aprendi coisas novas... silencieei... vivenciei experiências inesquecíveis. O amor de Deus vivo e verdadeiro me tocou profundamente.
- Aprendi a “abrir portas”, pois, quando a porta está aberta, há aconchego, amizade, ternura, alegria... o milagre acontece. Aprendi a introduzir na vida lazer... alegria... humor... riso... pois o nosso eu interior, se cultivado, não envelhece... O que envelhece é o nosso corpo.
- Que rezar é um espaço que eu crio para aprender a prestar atenção aos sinais de DEUS. É colocar-me no colo de Deus em abandono, entrega... onde tudo é dom... graça.
- Que a Leitura Orante nos faz penetrar no coração de Deus para conhecer a sua vontade, saber o que ele quer de nós... o que tem a nos dizer... e que para conhecer a Vontade de Deus tem de se despir de muitas coisas: requer disposição interior e atitude de escuta. Muitas vezes a Vontade de Deus passa pela entrega e pela cruz.
- Que o presente mais bonito que podemos dar a Deus é uma vida repleta de alegria, entusiasmo e contentamento. A ternura de Deus é incomparável!

Por isso posso dizer com todo entusiasmo que a Vida Religiosa Consagrada é uma vida de radical seguimento de Jesus Cristo e antecipação do Reino que há de vir, um sinal do céu. A VRC, a rigor, é uma antecipação da eternidade. Assim, pode-se afirmar que a Vida Religiosa Consagrada é uma festa antecipada do Reino que anuncia. A partir de sua fonte e significado, sinaliza para uma vida de cotidiana alegria, de especial beleza, de ativa espera, um trabalhar gracioso, um agir generoso, um misturar de dor e alegria, uma permanente “ciranda da vida”, um “aperitivar” de eternidade. Em síntese, a VRC é um modo, um estado festivo de ser e de fazer. Fazer a travessia de uma Vida Religiosa Consagrada para a FESTA antecipada. Viver o céu aqui na terra. Viva a festa da intimidade com *ele*. Nunca terá tamanha alegria e contentamento. Amém.”

IRMÃ CLESSI MARIA PAULETTO, ICM

***Eliana Fagundes Santana** é leiga, pedagoga e palestrante. Pós-graduanda em Psicologia da Educação pela PUC Minas. **E-mail:** eli5ane5@yahoo.com.br.

** **Padre Giovanni Cipriani** é passionista, doutor em Psicologia pela Universidade La Sapienza, de Roma, e em Teologia Moral (na área de Bioética) pela Faculdade Teológica Angelicum, de Roma. Autor de vários livros e artigos de bioética e de psicologia. **E-mail:** giovcipr@terra.com.br; giovcipr@gmail.com.

1. Para esta reflexão, cf.: CIPRIANI, Giovanni. *Obbedire oggi: perché*. In:

Superiores, não exaspereis vossos religiosos (cf. Ef 6,4)

ELIANA FAGUNDES SANTANA*

GIOVANNI CIPRIANI**

*Uma reflexão de uma pedagoga e de um psicólogo-formador de uma comunidade internacional sobre o caminho para uma obediência inteligente, responsável e madura, a partir do documento *Faciem tuam*.*

Olhando para a Vida Religiosa e para nossas comunidades, nós nos perguntamos: hoje está em crise a obediência ou está em crise a autoridade, ou seja, a capacidade de promover uma obediência madura e inteligente?

Se a obediência é um “ato teológico”, “obedecer” é uma atitude que é necessário aprender. Uma aprendizagem que depende muito do relacionamento religioso-autoridade.

Podemos dizer da autoridade o que o apóstolo Paulo escreve para os pais: “Pais, não irriteis vossos filhos para que eles não percam o ânimo” (Cl 3,21). “[...] não provoqueis revolta nos vossos filhos; antes, educai-os com uma pedagogia inspirada no Senhor” (Ef 6,4).

A obediência faz parte do processo de maturação pessoal. É preciso aprender a obedecer e a fazer desta obediência uma experiência de crescimento pessoal.¹

Obediência e identidade religiosa

Olhando a minha história pessoal, vejo que a obediência caminhou passo a passo com a compreensão e a clareza da identidade do meu ser religioso passionista. Quando a minha identidade de religioso estava em crise, entrava em crise também a obediência.

Pensar na Vida Religiosa simplesmente como uma possibilidade de realização humana e profissional, ou exclusivamente como o exercício de uma determinada pastoral (missionário, professor, pregador, pároco etc.), leva a um inevitável conflito com a comunidade e a uma rebelião toda vez que me pedem algo que não se harmoniza com as minhas aspirações.

Os anos e a experiência me fizeram entender que o importante não é fazer isto ou aquilo, estar neste ou naquele lugar, mas “viver Cristo”, como diz o apóstolo Paulo. Hoje não existe para mim preferência de trabalho ou de lugar, porque viver a *experiência carismática e profética passionista* depende de mim e não dos outros, depende do meu “ser” na pastoral e não do tipo de pastoral. Minha felicidade e minha realização humana dependem do “como” eu vivo e não do tipo de trabalho que faço ou do lugar onde me encontro. Isso não significa uma vida de sacrifício, mas uma perspectiva da pessoa aberta à aprendizagem, a novas situações, novas experiências, consciente de que este ou aquele trabalho me agrada ou não, que tenho possibilidades e capacidades para fazê-lo ou não, assim como estar neste ou naquele lugar pode custar-me um pouco mais, ou um pouco menos, para que me adapte.

Projeto Comunitário

A instrução *O serviço da autoridade e a obediência (Faciem tuam)* fala da obediência religiosa como “busca de Deus e da sua vontade”, que é própria daquele que crê.

Se, portanto, a autoridade na Vida Religiosa se caracteriza como uma ajuda à comunidade para descobrir e cumprir a vontade de Deus, isto pressupõe que a comunidade tenha um Projeto Comunitário. Quando encontrei na comunidade um “Projeto Comunitário” – fruto da partilha e não das visões egoístas de apenas alguns – a minha resposta à obediência foi mais generosa e em atitude de serviço.

O *Dicionário Aurélio* traz várias definições para a palavra solidariedade, uma delas é: “relação de responsabilidade en-

tre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o(s) outro(s)". Quando existe o "Projeto Comunitário", a obediência é um ato de solidariedade, um desejo de contribuir com a comunidade nessa busca de Deus e no cumprimento de sua vontade, que não é feita de uma vez por todas, mas é realizada no cotidiano da vida.

Não é fácil obedecer quando alguém se encontra diante de pedidos "tapa-buracos": obedecer para resolver problemas momentâneos ou porque não se encontra ninguém para aquele trabalho ou para aquela comunidade. A obediência é menos traumática quando é a resposta a um Projeto da Comunidade e não uma "suplência" à imobilidade de alguns religiosos ou a resposta ao capricho de um superior.

"Não penseis que vim abolir a Lei..." (Mt 5,17)

"Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim para abolir, mas para cumprir" (Mt 5,17). Que faltava na antiga Lei? A resposta nós encontramos no apóstolo Paulo: "[...] o amor é o cumprimento perfeito da Lei" (Rm 13,10). Ninguém é contra a existência das leis. Todas as consideramos necessárias e indispensáveis, por isso que, quando há rebelião, esta não é contra a lei em si, mas contra quem a exercita. Rebelamo-nos em direção a quem exercita o poder sem amor, sem diálogo e para fins pessoais.

Mas então: que falta à lei para que Jesus tenha vindo "completá-la"? Falta o coração. Jesus me diz: "Coloca um pouco mais de coração naquela ordem, exige com um pouco mais de amor, não seja tão duro, autoritário...". Parece-me que isto é o que pedimos em uma das preces de Laudes do Commum dos Pastores: "Faz que experimentemos naqueles que nos guiam a brandura da tua caridade".

Helder Câmara, de quem estamos celebrando o centenário de nascimento, dizia: "Quanto mais a verdade é dura, tanto mais precisa amor para dizê-la". Assim para a obediência: quanto mais sacrifício requer a ordem, tanto mais é necessário apresentá-la com amor e ternura. Quando encontramos

superiores(as) dispostos ao diálogo e a sofrer conosco por aquilo que nos pedem, nós nos sentimos mais dispostos(as) à obediência. Jesus veio para “dar cumprimento” também à minha atitude diante da obediência. Ele me diz: “Coloca um pouco mais de coração naquele ‘não’... Não seja tão duro(a) com a autoridade... Dialogue um pouco mais, aconselhe-se, não se feche nos seus preconceitos e nos seus esquemas... Abra-se ao novo...”.

“Obediências difíceis”

O número 26 do documento *O serviço da autoridade e a obediência* fala de “obediências difíceis”. “Difíceis” para quem deve ordenar e para quem deve obedecer! Às vezes, obedecer requer sacrifício, sofrimento e lágrimas. Eu também me encontrei diante de “obediências difíceis”, seja como religioso, seja como superior e formador. Eu também tive momentos de rebelião diante de certas “obediências” que me pareciam absurdas, irracionais e desrespeitosas em relação à minha pessoa. Que fazer nessas ocasiões? Que fazer quando os(as) superiores(as) insistem e alguém não consegue entender as suas decisões? Que fazer quando o único apoio que encontra nos(as) coirmãos(as) é: “Mas esse(a) superior(a) não entende nada... o que colocou na cabeça...?”.

Com o passar dos anos, aprendi a ver nas “obediências difíceis” uma *oportunidade de crescimento*. Uma oportunidade para adquirir novas experiências, conhecer pessoas novas, atualizar-me no estudo etc. Aprendi que não é o lugar, o tipo de trabalho ou o estar com estas ou aquelas pessoas que dá significado à minha vida e me faz feliz. Sou eu que devo dar *significado* aos lugares e ao trabalho. Nenhum outro pode fazê-lo por mim.

Hoje, mais que viver no vitimismo e na recriminação (duas atitudes improdutivas e destrutivas da própria serenidade e das relações humanas), aprendi a dar um significado positivo a tudo, mesmo às “obediências difíceis”. A tanto me ajudou a experiência de V. E. Frankl, que fala de “pessoas noogênicas”, “pessoas construtoras de sentido”, pessoas

capazes de dar um significado a eventos novos e imprevistos.²

Além da oportunidade de crescimento pessoal, vi nas “obediências difíceis” uma oportunidade para *exercitar-me* a enfrentar e conviver com situações indesejáveis na vida, como poderia ser, por exemplo, uma doença que impõe limites. Assim, com as “obediências difíceis” aprendi a procurar sempre o lado positivo das coisas, a dar um sentido a situações e eventos indesejáveis, descobrindo nelas estratégias novas para viver com serenidade e com alegria, levando a vida adiante.

Quando um(a) religioso(a) se fecha ao “novo” e se retira no seu mundo, se arrisca a não se renovar e a viver desmotivado(a), com os consequentes esmorecimentos e desânimos na vida pessoal, comunitária e pastoral. Aqui eu vejo o valor das “obediências difíceis”.

A formação como ato teologal

Não podemos negar que certa confusão sobre a identidade da Vida Religiosa, a falta de pontos de referência e a relativização do carisma enfraqueceram a obediência.

“Ele constituiu então doze, para que ficassem com ele [...]” (Mc 3,14). Jesus chama os apóstolos a viver uma profunda experiência com ele e, depois, os envia para o anúncio do Reino.

É este “encontro com uma Pessoa” que constitui o fundamento da minha vocação. E como esta pessoa é Deus, então a formação – como a vocação – é antes de tudo um “ato teologal”.

Dizer que a formação é um *ato teologal* significa ter bem clara a *opção fundamental* da Vida Religiosa: sou religioso(a) porque fiz uma *opção* que para mim é *fundante* de todas as outras opções: *Cristo*. Não sou religioso(a), *in primis*, para pregar, para assistir os pobres, para desenvolver um determinado trabalho pastoral ou social, para viver nesta ou naquela comunidade etc. Essas são *opções secundárias* (*operacio-*

2. FRANKL, V. E. *Alla ricerca di un significato della vita*. Milano: Mursia, 1998.

nais), ou seja, são o “lugar” e o “tempo” onde seja possível viver a opção fundamental. Quando em mim é bem clara esta opção fundamental da VR, então, diria Santa Teresa d’Ávila, “tudo se torna fácil e faço muito, em pouco tempo e sem fadiga”,³ mesmo a obediência.

“Você ainda não é padre...”

Mais de uma vez escutei esta expressão: “Não pode fazê-lo porque você ainda não é religioso professo, sacerdote... Quando for sacerdote, então...”. E a consequência é que os jovens vivem a formação não como *kairós*, mas como um tempo obrigatório, como uma passagem inevitável, e não esperam outra coisa a não ser que ele termine o mais rápido possível. E quando obedecem, o fazem unicamente por temor de não serem admitidos à profissão ou à ordenação.

Além daquilo que é ligado ao caráter sacerdotal ou a um determinado ofício na Vida Religiosa, parece-me que todos somos chamados a viver os compromissos da VC do mesmo modo. Não existem privilégios derivantes do ser sacerdote ou do ser religioso(a) professo(a)! Aliás, se há um privilégio é aquele do serviço e do testemunho.

E ainda, quando exijo dos(as) formandos(as) coisas que eu – sacerdote e formador – não consigo viver, então deveria ter a humildade e o bom senso de dizer:

O que lhes proponho é o caminho justo... Não olhem para mim porque, não obstante o esforço, ainda não consigo fazer o que lhes estou propondo.

Para uma obediência madura

Kohlberg, adotando a leitura do funcionamento intelectual de Piaget – baseado em um modelo por estágios – propôs três níveis (em seis estágios) no âmbito do desenvolvimento do raciocínio moral e da consciência.⁴ Eis uma síntese do seu pensamento:

3. TERESA DI GESÙ, *Il libro della vita*, cap. 22.

4. KOHLBERG, L. Development of moral character and moral ideology. In: HOFFMAN, M.; HOFFMAN, L. W. (ed.). *Review of Child Development Research*. vol. 1. New York: Russel Sage Foundation, 1964. vol. 1, p. 383-431.

- No primeiro nível, a *criança* obedece por medo de perder o *objeto de amor*. Neste caso, seria o afeto, o amor dos genitores.
- No segundo nível, o *adolescente* age por medo de ser punido, de não tirar boas notas etc.
- No terceiro nível, o *jovem* age porque vê um valor importante naquilo que lhe é pedido.

Apliquemos esses níveis de desenvolvimento moral de Kohlberg à obediência.

Primeiro nível. Quando dizemos a um(a) jovem em formação: “Faça isto para mim...”, “gosto de você, não me decepcione” etc., é um modo de fazer o(a) formando(a) retornar ao infantilismo, quando fazia as coisas unicamente para não perder o afeto dos genitores. Neste caso, a obediência não depende do valor que a coisa “ordenada” tem, mas da pessoa que ordena ou proíbe.

Segundo nível. Quando dizemos: “Se não fizer isto não será admitido à profissão... à ordenação” etc., estamos fazendo o(a) jovem retornar àquela fase infantil quando ele obedecia por medo... Neste caso, o(a) formando(a) obedece para alcançar um benefício, mas depois... “Faço-me de bom para poder ser admitido à profissão perpétua, mas depois me verão...”, dizia um estudante.

Terceiro nível. Pensemos agora em quando dizemos: “Você quer fazer isto, mas por que quer fazer? Qual é o motivo? Que valor lhe parece importante nisso? E se você fizesse diferente?”. Neste caso, ajudamos o(a) jovem a refletir sobre as suas ações, sobre a opção fundamental de vida e sobre os objetivos. É esta a atitude que favorece a maturidade na obediência, que me parece que deve ser a finalidade da formação. Neste caso, nós colocamos diante do(a) jovem não a lei (a *Carta aos Hebreus* diz expressamente que a lei não salva), mas o valor. Estamos dando a ele(a) um “navegador” para saber orientar-se na vida.

Relação simétrica, relação assimétrica

Relação centrada na pessoa ou na função

Jesus desde o início estabelece com os apóstolos um tipo de relação que, usando uma terminologia cara à “Scuola di Palo Alto”, poderíamos chamar “simétrica”: “Eu vos chamo amigos, [...]” (Jo 15,15).

A amizade comporta uma relação de “igualdade” mesmo respeitando a função de cada um. Este tipo de relação é que permitiu aos apóstolos seguir o Cristo.

A relação entre formador(a) e formando(a), ou entre superior(a) e religiosos(as), é importante em vista de um caminho de maturidade da obediência. A obediência é mais difícil quando entre as pessoas se estabelece uma relação *assimétrica*: “Eu sou o(a) superior(a) e você o súdito(a)...”, “sou eu quem manda... você deve apenas obedecer”.

Em um diálogo entre o psicólogo americano Carl Rogers e o filósofo israelita Martin Buber, este postulava que o crescimento pessoal se dá por meio do encontro de dois indivíduos que se comunicam de maneira vulnerável e autêntica, aquilo que ele chamou “relação eu-tu”. Ele considerava que esse tipo de relação não existe em um tipo de relacionamento em que as pessoas se encontram como *superior-súdito*. Rogers concordava com esse requisito de Buber para o crescimento da pessoa.

Diversos estudos colocaram em evidência que um clima baseado em um relacionamento “simétrico” favorece o crescimento pessoal, a confiança, a coesão e a obediência. Paulo Freire,⁵ por exemplo, analisa duas concepções no âmbito da formação e da educação: a primeira enfatiza o ser humano como pessoa (concepção humanista), a segunda o vê como coisa (concepção bancária). A “concepção bancária” é aquela que não crê na relação humana, ao contrário, enfatiza a importância de um dos polos da relação em detrimento do outro.

5. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Aplicando a análise de Freire à obediência, verifica-se que na formação muitas vezes encontramos uma concepção bancária:

- O(a) formador(a) é aquele(a) que educa; o(a) formando(a), aquele que é educado(a).
- O(a) formador(a) é aquele(a) que estabelece as regras; o(a) formando(a), aquele(a) que as cumpre.
- O(a) formador(a) é aquele(a) que fala; o(a) formando(a), aquele(a) que escuta.
- O(a) formador(a) é aquele(a) que comanda; o(a) formando(a), aquele(a) que obedece.
- O(a) formador(a) é aquele(a) que prepara o Plano de Formação; o(a) formando(a), aquele(a) que recebe o Plano pronto para executar.
- O(a) formador(a) é aquele(a) que sabe tudo; o(a) formando(a), aquele que não sabe e precisa aprender.
- O(a) formador(a) é o sujeito do processo formativo; o(a) formando(a) é o objeto.

E assim por diante. Neste tipo de relação é difícil estabelecer uma obediência madura.

Os estudos clássicos sobre a liderança evidenciam que um aspecto relevante para a maturidade da obediência é representado *pelo estilo de liderança* que o(a) formador(a)/superior(a) decide adotar em relação à comunidade: *autoritário, permissivo ou lasso⁶ e democrático*.

O *líder autoritário* obtém um elevado resultado em nível quantitativo e contemporaneamente estimula a agressividade dos membros a permanecer latente.

O *líder permissivo*, ao contrário, não é capaz de adquirir nenhum controle sobre o grupo e a relação se caracteriza por um alto nível de caos e de conflitualidade.

O *líder democrático*, contrariamente, cria as condições para uma colaboração e confiança entre os membros do grupo. É

6. Cf.: WATZLA-
WICK, Paul;
BEAVIN, J. H.;
JACKSON, D. D.
*Pragmatics of Human
Communication*.
New York: W.
W. Norton, 1967.
LEWIN, K.; LIP-
PIT, R.; WHITE,
R.K. Patterns of
aggressive behavior
in experimentally
created social cli-
mates. *Journal of
Social Psychology* 10
(1939) 271-301.

o estilo que mais favorece o crescimento de uma obediência madura.

Formadores(as) e superiores(as) entusiastas

Em uma orquestra os instrumentos e os músicos são importantes, mas mais importante ainda é o “maestro” da orquestra para fazer de tantos sons isolados uma sinfonia.

Parece-me que assim deveria ser um(a) superior(a)/formador(a): saber amalgamar o grupo, propor, acreditar no novo, entusiasmar. Ser um homem/uma mulher de grande entusiasmo e paixão. Um homem/uma mulher que entusiasma e faz sonhar, um líder que sabe criar à sua volta uma comunidade unida e entusiasta.

Um(a) formando(a) obedece mais facilmente quando se sente parte viva de uma comunidade.⁷ Uma comunidade em que o(a) superior(a) não é aquele(a) que sabe tudo e pretende tudo, mas é o guia que estimula, orienta, corrige, suscita o seu entusiasmo.

É de tais formadores(as) e superiores(as) que, hoje mais que ontem, precisam as comunidades religiosas. É dessa comunidade que precisa o(a) formando(a): uma comunidade que o(a) jovem recordará com prazer e orgulho, porque nela plasmou a sua personalidade, aprendeu a amar a Cristo e aos irmãos, aprendeu a trabalhar juntos, a construir juntos, a enfrentar juntos as dificuldades e a produzir coisas boas, de que se orgulhar.

7. AA.VV., *Obbedienza tra libertà e appartenenza*.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que relação podemos estabelecer entre “obediência” e “Projeto Comunitário”?
2. Porque a prática da lei, frequentemente, nos parece tão dura?
3. Como podemos distinguir uma obediência madura?
4. Qual a importância que seu Instituto/sua Congregação dá à preparação de lideranças e ao protagonismo dos(as) jovens no andamento dos compromissos comunitários?

Deus Migrante. Para uma experiência cristã de êxodo e miscigenação*

749

CARLOS MENDOZA ALVAREZ, OP**

JUANA ANGELES ZARATE ZELEDÓN, CSC***

Introdução

A migração é um fenômeno universal da humanidade que em cada época histórica adquire novas expressões. Refere-se à mobilidade física, cultural e espiritual dos indivíduos e dos povos como um fator que define a existência humana.

A história do Ocidente acontece também como encruzilhada de povos e culturas, ao menos de três raízes ancestrais: indo-europeia, judeo-cristã e afro-árabe. Então, a migração aconteceu nesta civilização ocidental dominada pela vontade de domínio protagonizada pelo capital e pela técnica. Por tal razão, em tempos de globalização do mercado, a migração se move para os centros do poder econômico e político, de maneira que adquire traços específicos de mobilização geográfica de massa subordinada ao mercado e aos capitais centralizados. Sem dúvida, não se pode esquecer que a migração se expressou também por vias alternativas, frequentemente silenciadas pelos sistemas de poder de turno, dando origem a outras maneiras de ser migrante, marcadas principalmente por um caráter contracultural.

Neste artigo queremos oferecer alguns elementos teológicos para discernir a diferença cristã da experiência da migração: como voz profética que revela os ídolos da sociedade excludente e que balbucia uma outra sabedoria que vem de um Deus nômade, também migrante, enquanto não está estabelecido como garante de nenhum sistema de poder, nem ideológico, nem político, nem religioso. Esta reflexão cristã é possível graças à narração da vida de Jesus de Naza-

* Esta contribuição teológica foi apresentada na XXXV Assembleia Regional CLAR – Centro-Americana e Mexicana, que ocorreu em março de 2007. Texto extraído da Revista CLAR – *Inserción en la Vida Religiosa* 2, abr.-jun. 2007. Tradução: Aurea Marin Burocchi.

** Carlos Mendoza Alvarez é presbítero mexicano. É doutor em Teologia pela Universidade de Friburgo, na Suíça. Escreve artigos para jornais e revistas e é autor de vários livros. Endereço do autor: revistaclar@clar.org.

*** Juana Angeles Zarate Zeledón, csc, é teóloga. Escritora, colabora com diversas atividades da Vida Religiosa na América Latina. Endereço da autora: revistaclar@clar.org.

ré, que revelou o radicalismo mais profundo desta maneira de existir, que é a de Deus, seu Pai, como incessante alento de vida que, em seu dinamismo amoroso, não para de migrar, saindo de si para ir ao encontro de sua criação para lhe dar plenitude, e que nos propõe a migração como condição espiritual de quem ama e vive um processo de libertação.

A experiência fundante de Israel

A tradição judeo-cristã se funda no relato original que dá testemunho da intervenção histórica de Deus como fonte de outro modo de existir, distinto do dos poderes temporais, sempre a favor dos excluídos e, a partir daí, convocando a todos a uma nova ordem de relacionamento na justiça e na paz. O credo primitivo de Israel se enraíza nesta memória feliz da ação de Deus que acompanha os hebreus emigrantes nos seguintes termos:

Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito com um punhado de gente e ali viveu como estrangeiro. Mas ele tornou-se um povo grande, forte e numeroso. Então os egípcios nos maltrataram e oprimiram, impondo-nos uma dura escravidão. Clamamos então ao Senhor, Deus de nossos pais, e o Senhor ouviu nossa voz e viu nossa opressão, nossa fadiga e nossa angústia; o Senhor nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, [...] e nos introduziu neste lugar, dando-nos esta terra, terra onde corre leite e mel. Agora, pois, trago os primeiros frutos da terra que tu me deste, Senhor (Dt 26,5b-10a).

A experiência vivida na terra da escravidão, dramaticamente narrada no Livro do Êxodo,¹ feriu o coração do povo. É o clamor de sua condição ferida que subiu a Deus. Foi quando, então, olhou para os israelitas e os reconheceu como membros de sua aliança de salvação assumida com seus antepassados:

Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimen-

1. Cf. Ex 2,23.

2. Ex 3,7-8.

tos. Desci para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los sair desse país para uma terra boa e espaçosa, [...].²

A intervenção libertadora de Deus para com seu povo se deu sob uma nova relação de paternidade-filiação, “Israel é meu filho primogênito”.³ É nesta situação de sofrimento do povo que Deus se apresenta como *Go’el*, quer dizer, como o parente mais próximo que protege e resgata sua família da escravidão, dando-lhe misericórdia e justiça com vísceras paternas.

Por seu lado, Israel, tendo-se curado com o grande acontecimento da libertação operado por Deus através da libertação de Moisés, se dispôs a viver na reciprocidade, oferecendo cura e consolo a todo forasteiro:

Se um estrangeiro vier morar convosco na terra, não o maltrateis. O estrangeiro que mora convosco seja para vós como o nativo. Ama-o como a ti mesmo, pois vós também fostes estrangeiros na terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus.⁴

Uma experiência espiritual com dimensão social

Diversamente de outros povos que separaram drasticamente a ordem divina da humana, a experiência fundante se traduz, para Israel, em lei que *obriga* a todos:

[...] Tanto para vós como para o estrangeiro que mora convosco vale o mesmo decreto, um decreto perpétuo diante do Senhor para todas as gerações, válido igualmente para vós e para o estrangeiro. A mesma lei e o mesmo rito valerão para vós e para o estrangeiro que viver convosco (Nm 15,15-16).

O monoteísmo hebreu comporta, assim, necessariamente, o reconhecimento do outro como *próximo*: na prática da história da dominação dos poderes deste mundo, crer em Deus é praticar a justiça com os estrangeiros na própria terra:

3. Ex 6,6.

4. Lv 19,33-34; Ex 22,20.

Pois o Senhor vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, forte e terrível, que não faz acepção de pessoas nem aceita suborno. Ele faz justiça ao órfão e à viúva, ama o estrangeiro e lhe dá alimento e roupa. Portanto, amai o estrangeiro, porque vós também fostes estrangeiros no Egito (Dt 10,17-19).

Trata-se de um código de santidade com dimensão prática e política que promove a gestação de uma ordem social de fraternidade. Significa a interrupção da diferença crente no meio do paganismo da época. Assim, a vocação de Israel se entende como um anúncio permanente da proximidade de Deus com seu povo em movimento, nas diversas circunstâncias em que a opressão se dava naquela época.

Esta consciência da proximidade de Deus com quem sofre foi o rio subterrâneo que saciou a sede do povo hebreu ao longo de tantos outros desertos de absurdo e sofrimento que teve de atravessar. Deus está iluminando a noite como justiça em meio à escuridão, segundo recorda aquela célebre reflexão de um pensador judeu, quando começava a crescer a xenofobia nazista: “Este é o amor que apresenta o Deus dos profetas: a justiça para os pobres. O forasteiro, o escravo, a viúva e o órfão são suas quatro fases: quarto crescente, quarto minguante, lua cheia, lua nova”.⁵

Condição migrante do profeta

Homem (ou mulher de Deus), o profeta (a profetisa) vive uma profunda e intensa experiência de relação com *aquele* que o faz seu porta-voz e sinal de sua presença no meio do povo, seja para corrigir, acompanhar, consolar, defender, proteger, seja para questionar. O profeta tem uma vida orientada e marcada por este chamado que o envolve por inteiro, sua vida está enxertada em um novo projeto que se torna o seu próprio projeto. Sua vida e missão se caracterizará por *ob-audire*, escutar, viver o que ouviu e transmitir aos outros o amor de Deus, a quem pertence. Esta obediência confiante, ainda que às vezes incompreendida ou resis-

5. COHEN, Hermann. *El prójimo* (Berlin, 1935).

tida por parte do profeta, está marcada pela itinerância, ou seja, pela migração.

A orientação do deslocamento do profeta é determinada pelo anúncio e testemunho de Deus, algumas vezes por sua acolhida e outras como resultado da fuga forçada pela perseguição. Elias, protótipo do profeta, cuja importância para o Cristianismo vemos exposta no Novo Testamento, tanto no relato da Transfiguração no Tabor⁶ como no descobrimento da verdadeira identidade de Jesus através da misteriosa profissão de fé de Pedro,⁷ ajuda-nos a nos aprofundar nesta dinâmica do profetismo.

Elias, o contemplativo que tocou o fundo e se encontrou com a vida

Originário de Tisbe, um povoado seminômade, é enviado por Deus para enfrentar a estrutura de poder injusta representada historicamente por Acab-Jezabel. Anuncia a seca como símbolo da vida ameaçada do povo pela cobiça e pela rejeição de Deus por parte de Acab, o rei de maior maldade entre todos os reis que o precederam.⁸

Era de se esperar a rejeição ao anúncio do castigo, então Elias é chamado por Deus para se deslocar consecutivamente à torrente de Carit e a Sarepta, na Sidônia: “Saia daqui, dirija-se ao Oriente e esconda-se no torrente de Carit”. Então Deus lhe proveu de pão e carne, dois sinais e realidades de vida. Elias se move entre a vida e a morte, pois o rio de Carit seca. Torna a ouvir um chamado: “Levante-se, vá a Sarepta, na Sidônia, e estabeleça-se lá”. O alimento da viúva está para acabar e só esperam comer a última coisa que têm para depois morrer, e o filho fica enfermo. No meio de toda essa situação o gesto de acolhida ao homem de Deus transforma uma realidade de morte em vida. Partilha-se o que se tem e se entrega a vida a Deus. A partir da sua condição de estrangeiro, e por força de Deus, Elias converte a situação de fome, pobreza, egoísmo e enfermidade vivida pela viúva de Sarepta em situação de vida e esperança.⁹

6. Cf. Mt 17,3;
Mc 9,9-13.

7. Cf. Lc 9,18-21.

8. Cf. 1Rs 16,19-33.

9. Cf. 1Rs 17,8-24.

Passado um tempo, Elias ouviu a palavra de Iahweh: “Vá, deixe-se ver por Acab”. O confronto confiante com o opressor gera a passagem do confronto com os falsos deuses e profetas no monte Carmelo como cenário da afirmação da presença e do poder de Deus.

Angustiado e deprimido pela perseguição à qual está sujeito, emigra para o Horeb, lugar teológico da aliança. O caminho que Elias percorre é o mesmo que fez Moisés, porém em direção inversa: sua peregrinação ao monte de Deus é um retorno às fontes do javismo, como uma expressão desesperada de voltar a fazer, em nome do povo, a experiência da Aliança,¹⁰ do mesmo modo que Israel fez uma penosa travessia pelo deserto e Elias vive um momento de profunda crise existencial, na qual deseja a morte. Então recebe junto com o pão uma palavra que o lembra do sentido de sua existência: “Levanta-te e come! Ainda tens um caminho longo a percorrer”.¹¹ Depois dessa travessia de fé e purificação, Deus se revela a ele de uma forma totalmente diferente. O verdadeiro Deus enche seu coração com a suavidade da contemplação e se opõe às falsas imagens que Elias mesmo tinha feito dele.

Vai e volta por teu caminho, rumo ao deserto de Damasco. Chegando lá, ungirás Hazael como rei de Aram. Unge também a Jeú filho de Namsi como rei de Israel e a Eliseu filho de Safat, de Abel-Meula, como profeta em teu lugar.¹²

Depois de se encontrar com o verdadeiro Deus, pôde reificar o caminho em todos os sentidos, executar uma nova dupla eleição por parte de Deus: um homem para governar seu povo e outro que possa receber seu espírito profético e continuar acompanhando seu povo. A história de suas migrações termina em Jericó, porta de entrada para a terra prometida, e aí entrega seu espírito a Eliseu.¹³ A migração histórico-geográfica de Elias termina quando ele descobre o verdadeiro Deus da Vida que recebeu alimento e força na fraqueza: quando tocou o fundo de sua incredulidade e de seu medo.

10. Cf. ALEIXANDRE, Dolores. De seu artigo “Vá à terra que eu te mostrarei”.

11. Cf. 1Rs 19,5-7.

12. Cf. 1Rs 19,15 -16.

13. Cf. DAHLER Etienne. *Los lugares de la Biblia*. México: Ed. Paulinas, 1994. p. 93-96.

A experiência da migração coloca a pessoa em situações-limite, onde, tocando o fundo, pode redescobrir sua identidade diante do Deus da vida. Movimento geográfico-teológico de purificação da imagem *daquele* que se manifesta companheiro de caminho e fonte de toda força diante da fraqueza e do medo. A porta aberta, o pão oferecido por outros seus irmãos no caminho que é duro permitir-lhe-á encontrar-se contemplando a ação consoladora e libertadora de Deus que se faz um autêntico espaço de revelação, transformando uma fé mágica ou negociante em suave brisa de confiança e humildade. Então é quando começa a chover para que a vida ressurja e acabe a hostilidade da seca, que representa a situação de expropriação e cobiça vividas pelo povo judeu. Depois da experiência de migração nada pode ser igual.

Algumas figuras femininas de emigrantes hebreias

Sara, a migrante duplamente exposta, ancestral de nossa fé

Sara partilha com Abraão o processo migratório da fé, porém com nuances femininas próprias em um contexto patriarcal. A história de Abraão e Sara, de Sara e Abraão, ancestrais da fé, é cheia de migrações, como é próprio de um povo nômade. O sentido das migrações muda depois de Harã, o motivo do deslocamento será a obediência a um chamado de Deus e a fé que experimentam. Harã, Canaã, Betel, Negueb,¹⁴ finalmente se veem obrigados a se mover para o Egito por uma penúria (fome).¹⁵

No Egito acontece a manifestação de Abraão como um patriarca fraco que encarna todas as perversidades de uma estrutura patriarcal, protegendo-se às custas da esposa. Sara, a migrante, não somente está em risco no Egito, como Abraão, mas também está à mercê das estruturas marginais que abusam de sua condição de mulher, nas quais sua pessoa e decisão não contam. Quando Abraão a expõe à injustiça, dominado pelo medo e pela covardia, traz a maldição sobre o país que os acolhe em vez da bênção da qual deveria ser portador.¹⁶ Talvez seja esta condição marginal que coloca

14. Cf. Gn 12,1.

15. Cf. TAMEZ, Elsa. Migración y desarraigo en la Biblia. *Vida y Pensamiento*, vol. 24.

16. Cf. Gn 12,7.

Sara em uma bela e impressionante imagem de *mãe da fé*, porque tem de ultrapassar os limites da lógica violenta pela sua condição de vítima, de uma mentalidade familiar, religiosa e social, para caminhar junto com Abraão na esperança de uma promessa de terra boa e descendência feliz.

Rute, a estrangeira que, por amor, assume como sua uma outra cultura

O Livro de Rute apresenta a causa da migração da família de Elimelec e Noemi: a fome.¹⁷ Saem de seu país e se instalam em Moab. É ao partilhar a vida em terra estrangeira que se estabelecem novos vínculos pela abertura do coração de Rute e Orfa que possibilitam a vida ao casar-se com os filhos da família migrante. Depois da morte de seus maridos, Rute opta por voltar a Belém junto com a sogra, Noemi, para integrar-se em uma nova cultura. Um modelo crente do fenômeno migratório no qual a pessoa se confronta com as diferenças raciais, culturais e religiosas, e que Rute resolve mediante a aceitação da cultura na qual se insere, fazendo suas não só as semelhanças com sua própria cultura ou as coisas boas da mesma, como também assumindo o negativo. Assume e participa também da cadeia de opressões de que é objeto toda mulher.

Ao final, o relato nos apresenta a vitória de Rute ao se inserir no grupo das edificadoras da casa de Israel, junto com Lia e Raquel,¹⁸ ao obter descendência do *go'el*, familiar próximo que resgata, e nos deixa entrever o projeto de Deus de conformar seu povo com raízes interculturais e mestiças como anúncio da salvação universal. Assim, Rute rompe com a estrutura patriarcal, xenófoba e de gênero do povo de Israel.

A experiência fundante cristã

Enxertado na vida de fé hebraica, o Cristianismo é um broto que deu frutos abundantes de plenitude da promessa. Jesus, como judeu marginal e fiel à antiga tradição, lendo a fundo a Torá, anuncia na Galileia o advento do Reino de

17. Cf. Rt 1,1-7.

18. Rt 4,11.

Deus: por meio de suas palavras e prática, comunica o amor inclusivo de Deus, seu Pai. Será tal anúncio como profeta escatológico que o levará a assumir de frente e de maneira pacífica o conflito em Jerusalém.

O ministério de Jesus com os migrantes

Diversamente de certa prática perversa da tradição hebraica que rejeitava os pagãos forasteiros pela sua condição idolátrica e impura, Jesus se identifica totalmente com eles e converte tal experiência de compaixão em princípio de bem-aventurança: “[...] eu era forasteiro, e me recebestes em casa; [...]”.¹⁹ Com efeito, os Evangelhos narram como Jesus sai permanentemente de si para se encontrar com a outra e o outro. A cura que Jesus realiza no amigo do centurião²⁰ nos revela o profundo respeito pela fé desse estrangeiro que, com uma mentalidade aberta, consegue descobrir a fonte da verdadeira autoridade geradora de vida: é por isso abençoado por Jesus junto com seu amigo e servo.

A atenção e a súplica de uma mulher que, sendo grega e siro-fenícia de nascimento,²¹ se aproxima de Jesus para conseguir uma graça para sua filha possuída por estruturas de opressão e marginalização nos permite entrever a abertura da estrutura mental e religiosa de Jesus, que abre a salvação à universalidade.

Finalmente, o encontro com a mulher samaritana, e os outros encontros, são diálogos portadores de toda a misericórdia libertadora do Pai que reorienta definitivamente a vida do próximo: do reconhecimento da dignidade à solidariedade libertadora! O novo rumo conduz à humanização, e o projeto pessoal de vida fica orientado a instaurar o Reino.

Jesus nos propõe dar vida ao princípio do amor com aqueles que estão quase mortos no caminho, porque foram assaltados e espancados no trajeto da busca de uma vida melhor. A parábola do bom samaritano²² nos mostra esse movimento de um homem sem nome, que desce de Jerusalém a Jericó, rota que simboliza uma migração espiritual: do encon-

19. Cf. Mt 25,35.

20. Cf. Lc 7,1-10.

21. Cf. Mc 7,24-30.

22. Cf. Lc 10,29.

tro com Deus no templo à conquista da terra prometida e o retorno ao estado originário de felicidade e abundância. É no trajeto que um ser humano cai humilhado, despojado e quase sem vida. É esse silêncio de morte, que é um grito dilacerante que só ouvem os que não têm medo de perder suas seguranças e estão dispostos a sujar as mãos e deixar entrar em si a miséria e a dor alheia, talvez porque sofreu no próprio corpo e na dignidade o peso do desprezo e da marginalização. O sacerdote e o levita da parábola deram a volta não porque fossem maus e insensíveis, mas simples e comoventemente porque talvez não quisessem perder a pureza que tinham, pois, possivelmente por sua condição sacerdotal e de culto, tinham estado com o deus de suas tradições e das Escrituras em Jerusalém.²³ Esses homens fizeram de tudo para não ficar impuros, sua fidelidade era grande, tão grande que preferiram dar a volta por medo de que aquele fosse um cadáver.

A partir desta experiência de Jesus e de seu modo de falar de Deus como Pai amoroso, em tempos recentes a teologia dos “latinos” nos Estados Unidos desenvolveu uma cristologia migrante a partir de três movimentos simbólicos que descobrem o surpreendente sentido migrante do próprio Jesus, ou seja: Galileia, Jerusalém, Ressurreição.

O princípio Galileia

Jesus Cristo é quem leva à sua radical idade extrema – e ainda mais longe – a fé de Israel, pois sua vida é a manifestação mais completa da disponibilidade infinita de Deus para sair ao encontro do outro em suas condições concretas de vulnerabilidade. Porém essa história de Jesus começa na Galileia, como sublinhava Virgílio Elizondo, um dos pioneiros da teologia da migração em tempos modernos, que refletiu profundamente a partir da própria experiência de ser imigrante mexicano-americano e a partir da prática do acompanhamento aos imigrantes mexicanos nos Estados Unidos: que Deus optou por ser um galileu destaca o grande paradoxo da encarnação, no qual Deus se torna um dos demais desprezados e ínfimos do mundo. Ao iniciar na Ga-

23. Recordamos que o sacerdote e o levita que passam seu turno de culto no templo tinham de cumprir uma série de prescrições de pureza descritas em Lv 21–22.

24. ELIZONDO, Virgílio. *Mestizaje, violencia cultural, anuncio del Evangelio* (San Antonio, 1978).

lileia, Deus erige uma religião culturalmente mestiça como ponto de partida da nova criação. Enquanto o ser humano tende a rejeitar a mistura como impura, Deus a tomará como base cultural da nova humanidade, caracterizada pela abertura e não pelo fechamento.²⁴

Por isso na Galileia se concentra um rico simbolismo da radicalidade de Deus no seu êxodo infinito, pois, ao ser Jesus Galileu, assume a condição humana em circunstâncias concretas de marginalidade, mobilidade, mestiçagem e religiosidade: nesta lógica da encarnação esses serão os critérios para interpretar como Deus atua em sua criação.

Neste sentido é possível contemplar Jesus na sua vida histórica como um migrante. Com efeito, Mateus e Lucas nos mostram Jesus no ventre de Maria como um migrante de Nazaré até Belém, onde nasce para que se cumpram as profecias. É em Belém de Éfrata²⁵ que se concretizam suas primeiras experiências de migrante: não há casa onde vir à luz... e nasce no meio de uma grande insegurança, por não ter um lugar adequado para ele. Logo Jesus enfrentará a injusta perseguição da qual outros serão vítimas, enquanto seus pais escapam com ele. Mateus coloca a perseguição de Herodes nos relatos da infância de Jesus com a intenção teológica de fazer um paralelo entre Moisés e Jesus e acentuar, assim, a missão libertadora deste último. O destino onde buscam refúgio seus pais é o Egito. Jesus percorre de alguma forma a experiência de seu povo judeu, “do Egito chamei o meu filho”,²⁶ para continuar com a história da salvação em um povoado escondido, Nazaré da Galileia, ao norte da Palestina.

Os Evangelhos sinóticos nos apresentam o início do ministério de misericórdia de Jesus, que, depois do Batismo e das tentações, “percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, anunciando a Boa-Nova do Reino e curando toda espécie de doença e enfermidade do povo”.²⁷

Desse modo, a encarnação e o ministério de Jesus como experiências migrantes em ordens distintas, divina e humana, nos mostram que no coração de Deus a finalidade do deslocamento é sempre a libertação e a vida plena para o ou-

25. Mt 2,6.

26. Cf. Mt 2,15.

27. Mt 4,23; Mc 1,39; 3,7-8; Lc 4,14-15.44; 6,17-18; Mt 9,35.

tro. Um primeiro plano do fenômeno migratório são as causas histórico-culturais e socioeconômicas que o provocam, porém há um plano mais profundo, a partir da perspectiva salvífica, que nos permite contemplar a migração a partir de uma perspectiva mais ampla na pastoral e no espiritual, pois, tendo experimentado a insegurança e o desenraizamento, pode-se fazer caminho também de libertação profunda e dispor o coração, então, para lutar contra toda estrutura injusta que mata o direito de existir e viver com dignidade.

O princípio Jerusalém

Por que Jesus tomou firme decisão de subir a Jerusalém, sabendo do conflito com os sacerdotes do templo que lá o aguardava? Este acontecimento crucial na vida de Jesus é a chave para entender o sentido de seu ministério na Galileia e de seu anúncio como profeta escatológico. A cidade santa era símbolo da tríplice denominação: (1) religiosa, pelo elitismo sacerdotal baseado em ritos de purificação; (2) intelectual, pelo exclusivismo moral baseado no conhecimento legal e moralista; e (3) político-econômico-militar, pelo poder de alguns baseado na colaboração com o Império Romano.

No sentido propriamente histórico, podemos dizer que Jesus decide enfrentar essa tríplice dominação e desmascarar a falsa imagem de Deus que suscita sua lógica perversa ainda que isto signifique entregar a própria vida. Em um sentido teológico, ter-se-ia de afirmar que, com seu testemunho em Jerusalém, Jesus revela plenamente, em meio ao círculo vicioso de rivalidade e violência fratricida, seu ser profundo, como quem não existe senão para receber e oferecer a vida incondicionalmente, à imagem perfeita de seu *Abbá*, como filho muito amado, pelo poder que lhe dá seu próprio alento de vida. Por isso a cruz é o momento culminante da revelação de Deus.

O princípio Ressurreição

Mas a história dramática do processo judicial ao qual Jesus foi submetido e que o levou à execução na cruz não é a

última palavra sobre a sua história. A fé dos testemunhos, relendo as Escrituras, encontra um profundo e definitivo sentido salvífico nesse aparente fracasso. Em chave apocalíptica e escatológica, os apóstolos anunciaram, junto com as mulheres e os discípulos, que viram o Senhor. É a gênese do atrevimento cristão de afirmar que o Crucificado ressuscitou e que *nele* todos os crucificados da história têm esperança.

Assim, a ressurreição é o início de uma nova ordem, “além das fronteiras” da vida e da morte, da exclusão e da violência. A vida e morte de Jesus são lidas, segundo as Escrituras, como o “sim” de Deus ao oferecimento pacífico do justo e o reconhecimento de seu dom. Nessa narrativa de vida nova não é possível deixar de exaltar a posição privilegiada da viúva, do pobre, do órfão e do estrangeiro no Reino de Deus, já que são eles os primeiros destinatários que recebem a ação da justiça misericordiosa de Deus e seu amor. Assim aconteceu com Jesus e assim sucederá com a multidão. Por isso a ressurreição de Jesus dentre os mortos é princípio da nova criação.

Trata-se, então, de receber e oferecer pela celebração gozosa deste acontecimento um novo *universalismo* que só é possível a partir de Deus: “Portanto, já não sois estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e moradores da casa de Deus” (Ef 2,19).

A revelação do mistério do Deus Migrante

Na criação a partir das origens

O que aconteceu em Cristo Jesus já estava anunciado desde a criação do mundo, quando a *Ruah* divina pairava sobre o caos original como incessante movimento criador do Deus que dá vida ao caos original. Quando Deus separa o céu da terra, inicia-se o dinamismo criador que faz com que cada ser seja diferente. Porém Deus cria e se retira (o sentido do *shabbat* como descanso e regozijo pela criação) para deixar a sua criação ser, fazendo espaço para o outro,

regozijando-se na sua diferença. Trata-se da primeira migração ou movimento infinito de Deus de sair de si para ir ao encontro do outro, para criar um espaço de comunhão. E este ato é a criação do mundo.

Na encarnação uma migração divino-humana

A encarnação também acontece como um evento migratório, não tanto cronológico, mas como fonte originária de nossa existência. Com efeito, a *kénosis* do Verbo é a expressão mais completa da migração fundante do ser divino a partir das origens do mundo: ser-para-e-com-os-outros. Tal migração divino-humana é narrada pelo hino cristológico da Carta aos Filipenses nos seguintes termos:

Ele, existindo em forma divina, não se apeçou ao ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano. E encontrado em aspecto humano, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte – e morte de cruz!.²⁸

Nós o designamos como princípio migratório porque o Verbo tomou distância de sua terra, de suas raízes, e ficou despojado de sua divindade para conviver e fazer sua morada entre nós,²⁹ com a única finalidade de conduzir-nos de volta ao Pai e à nossa condição de filhos de Deus. Humanizando-se, oferece-nos a possibilidade de nos divinizar-mos, de nos fazermos mais de acordo como pessoas e como corpo, integrando nossa individualidade com a capacidade de comunhão, curando a dor da divisão e da desintegração com o poder sublime da reconciliação.

Séculos mais tarde, a teologia trinitária, elaborada lentamente pelos Padres da Igreja no Oriente e no Ocidente e ratificada nos concílios ecumênicos da Igreja indivisa, afirmará em chave grega como Deus sai de si (*exitus*) ao encontro do outro-criação para alcançar a plenitude em Deus (*reditus*). Tomás de Aquino, na Idade Média, fará desse princípio dogmático o centro da especificidade cristã que afirma a identidade característica de cada pessoa da Trindade que se move até o outro como relação subsistente do amor em

28. Fl 2,6-8.

29. Cf. Io 1,14.

reciprocidade infinita. Esse sair de si para encontrar-se em e com o outro é a primeira experiência migratória. Quando falamos de encontrar-se em e com, estamos apresentando o encontro nos dois sentidos: um como o definir da identidade de si mesmo diante da alteridade, o outro enquanto fonte de vida relacional e de comunhão recebida.

Na redenção universal como migração alcançada

Nesta perspectiva trinitária poderemos contemplar e praticar a dimensão cristã da migração, reconhecendo que participamos dessa mesma realidade divina quando *Deus se faz humano para que o humano se faça divino*. Realiza-se a salvação quando o ser humano se faz solidário com o outro e se faz próximo como sinal de libertação do instinto de morte e capacitação para a comunhão que vem de Deus, assumindo aquela velha regra de ouro resgatada por Jesus como coração de toda existência humana: “Ama teu próximo como [*Ka-mokha* = porque é como] a ti mesmo”. E este processo chega a seu término quando assumimos a salvação para todo o cosmo: porque a redenção é um permanente êxodo interior para reconhecer em todos os outros (humanos e criaturas) o Deus que passa libertando e plenificando a criação inteira.

A espiritualidade migrante³⁰

Inspirada pela experiência bíblica de Israel como forasteiro no Egito e de Jesus de Nazaré como galileu migrante, a teologia contemporânea desenvolveu um modelo fecundo para compreender o processo espiritual que vivem pessoas e povos em terra estrangeira. Trata-se de um processo sem dúvida dramático, ligado profundamente à experiência social e à insegurança, à condição vulnerável no que se refere à afirmação de sua identidade cultural e, em última análise, experiência que expressa o clamor espiritual de quem busca encontrar o rosto de Deus em meio a essa experiência limite.

A fronteira mexicano-americana, a mais transitada do mundo em tempos de sociedade global, é cenário de um sem fim de histórias de migração, forçada e clandestina a

maioria das vezes, vivida cada uma de modo próprio por cada indivíduo e cada grupo de migrantes. Muitas Igrejas cristãs saíram ao encontro desses migrantes para acompanhar seu desventurado caminho e têm sido evangelizadas pelo testemunho espiritual dos migrantes mesmos, acrescentando também seu próprio testemunho de fé. Como parte dessa experiência de samaritanos, foram criados santuários para acolher os migrantes e proporcionar-lhes apoio humanitário, ajuda social, assessoria jurídica e acompanhamento espiritual. Uma dessas experiências está sendo analisada por Dan Groody, um teólogo norte-americano em quem nos inspiramos para apresentar aqui um possível caminho de espiritualidade migrante.

Coração destroçado

A migração é sempre um ato de desapego, com frequência animado pela fome de liberdade e pelo desejo de deixar para trás situações de morte. Em tempos modernos, “o sonho americano” que seduz milhões de habitantes do planeta como miragem se converteu em pesadelo.

A primeira fase desse desenraizamento, uma vez iniciada no êxodo e percorridos milhares de quilômetros para entrar em terra inóspita, é de privação. Toma-se consciência de que se deixou para trás a casa materna: as raízes, a língua, a comida, a cultura e até a religião. Para a maioria dos migrantes sem documentos, trata-se de cruzar a fronteira da morte nas mãos de coiotes [guias ilegais] e frangueiros que fazem dos migrantes um botim.

O estranhamento se instala em quem começa a reconhecer-se como diferente pela cor de sua pele, por suas crenças, seus alimentos, seu idioma, seus símbolos e seu modo de olhar o mundo. Descobrir-se estrangeiro é, para a grande maioria, ficar alienado como trabalhador sem direitos reconhecidos e à mercê da deportação súbita e humilhante, quando não ao cárcere ou até à morte provocada pelo ódio racial.

Coração reabilitado

Sem dúvida, nem tudo são sombras no caminho através do deserto da fronteira. Cedo ou tarde neste lapso de tempo

30. Cf. GROODY, Daniel. *Border of Death, Valley of Life. An Immigrant Journey from Heart et Spirit* (Boston, 2002).

chega a surpresa de encontrar irmãos no caminho: outros migrantes com quem se faz o caminho, alguém que se descobre em um albergue ou com quem se começa a procurar trabalho. Também existem pessoas amigas que aparecem no caminho, e até instituições solidárias que deixam água no caminho incerto ou algum alimento e, às vezes, até arriscam sua liberdade para dar ajuda humanitária a quem está a ponto de morrer no deserto por inanição.

Desse modo, nesta segunda fase se descobrem santuários de vida onde o migrante é acolhido com solidariedade fraterna, nesses lugares o migrante encontra outro ambiente, um pouco parecido com uma casa, com uma família grande. Chega-se a ter até momentos de festa, de alegria por alguém salvo da deportação ou da morte. Ação de graças com festas que lembram as de seus lugares de origem.

Trata-se do momento em que os ritos de transformação espiritual ajudam a apreender e a reconstruir a identidade perdida. Papel fundamental tem aqui a devoção à Virgem de Guadalupe, sempre venerada pelos imigrantes como protetora, companheira e mãe. Ela está no coração dessas festas. É o tempo do domínio do coração agradecido graças ao encontro com os outros e com o mistério Outro que tem entranhas de misericórdia.

Coração animado

Assim vai abrindo espaço na dura experiência do migrante a conversão afetiva: aprendendo a passar da desconfiança de vítima à abertura do estabilizado, quer dizer, de quem vai deixando para trás seu coração ressentido porque foi ferido, e vai descobrindo – graças aos outros que se aproximam como irmãos e não como inimigos – uma nova possibilidade de existir.

Porém não se trata somente de um assunto individual. A migração se faz com companheiros, às vezes com rivais que com o tempo se revelam tais. Esta circunstância coletiva coloca a pergunta pela conversão social: como passar da desonra à afirmação cultural? Negar a própria identidade

é um primeiro ato de autodefesa, pois se tem medo de ser rejeitado por falar seu próprio idioma, ou por dizer de onde se vem. Se há outros compatriotas, então é possível saber que um passado os une, fazer memória, reconhecer que a língua comum os identifica, que uma crença na Virgem de Guadalupe os une de coração.

Sem dúvida, algo de profundo falta para começar de novo. É necessária uma conversão intelectual que leve cada um a entender a si mesmo de outro modo. Atravessar o deserto faz ir fundo nas coisas, pois o mal não está somente na *Border Patrol* [*Patrulha da Fronteira*] e nos coiotes, mas também nos que têm medo ou são egoístas. Trata-se, então, de começar um longo caminho para deixar de ser pessoas do mal e começar a ser gente do bem: de machos prepotentes passar a ser “homens de verdade”; de velhas abnegadas aprender a ser “mulheres de dignidade”.

Todo esse processo vai, então, se gestando como um novo nascimento, onde a fé ajuda a construir essa pessoa nova, numa conversão moral que a faz passar de uma autocompaixão à própria estabilização de quem recebe Cristo em sua vida e muda, começa a ser uma pessoa “cristocentrada”. Aí aparece, então, a conversão religiosa que permite ir de uma submissão mágico-religiosa à amizade com Deus e com os irmãos. Uma terra nova, dessa forma, se vislumbra no horizonte.

Coração florido

Essa terra nova dá frutos bons e saborosos. Nela se vai aprendendo a viver de novo. É a Mãe Terra, como metáfora de lugar universal, que a todos recebe e acolhe em seu seio. Com ela e graças ao alento de Deus fomos formados seres viventes; e com ela somos solidários para esperar o advento desse mundo novo.

No coração da terra se encontra o amor de Maria de Guadalupe como mãe da nova criação. É ela que pela fé foi capaz de ser fecunda. É a terra preparada para receber a

mente da Palavra e, assim, dá-la a toda a humanidade. Por isso o *Tepeyac*, colina do culto pré-hispânico à Mãe Terra e do posterior culto cristão a Maria de Guadalupe, surge e é abençoado como o espaço simbólico do santuário da dignidade recuperada, não só a dos povos originários do México, mas de todo ser humano desvalorizado pelos homens e reivindicado por Deus.

Nesse simbolismo florido, Juan Diego é venerado nessa espiritualidade não como um humilde servidor submisso religiosamente à conquista, mas como o protótipo da conversão, do migrante cristão digno e solidário, porque se sabe incondicionalmente amado por Deus e resgatado da fronteira da morte para ser levado ao vale da vida.

A colheita

Ao final deste trabalho, podemos recolher frutos, começando por reconhecer que a migração é um fenômeno permanente na história humana, que tem sido vivida como experiência de fé na qual Deus se manifesta e atua para criar comunhão em meio à exclusão.

Pudemos ver como a Igreja vive seu ser migrante com esperança e compaixão, à imagem do Deus vivo e de Cristo Jesus pelo dom do seu Espírito, que é permanente saída de si ao encontro do outro. O testemunho radical de Cristo Jesus nos interpela a viver a migração não como fatalidade, mas como vocação para a construção do mundo novo.

A espiritualidade cristã do migrante é, pois, uma nova semente que se oferece a nós no trabalho do cultivo dos tempos novos. Ela nos convida a recriar na prática social, na oração solidária e no pensamento da fé verdadeiros santuários de coração florido.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que levou o povo hebreu a migrar para o Egito? Quais as principais causas de migração em nosso tempo?
2. Que caracteriza a condição de “profeta migrante”?
3. Qual o destaque das figuras femininas de emigrantes hebreias? E, hoje, qual o perfil dessas figuras?
4. Em que e como a vida de Jesus manifesta a condição de migrante?
5. Quando e como se revela o mistério do Deus Migrante nas Sagradas Escrituras?

Natal: o nascimento do Messias. O presépio: memória e reconhecimento do Messias*

769

PAULO DULLIUS**

Introdução

Aproximando-se o Natal, sempre ajuda refletir sobre e compreender esta data e esta celebração significativa. Olhando a história do Natal em suas representações e elaborações litúrgicas, podemos notar a importância desta festa para o Cristianismo desde as origens. A diversidade de símbolos se deve à complexidade e ao significado do Natal para o Cristianismo. Ressalta a questão do reconhecimento de Jesus como Messias e como o Salvador. O reconhecimento – por parte de judeus e não judeus – como Messias está retratado no presépio em suas figuras e formas.

Breve visão histórica

O fato de se falar que São Francisco fez o primeiro presépio se deve a um presépio vivo que realizou, dentro do espírito de restaurar a Igreja: convidou os doentes e pobres da região e com eles celebrou o mistério do Deus-Conosco na Igreja de São Damião.

Contudo o presépio remonta às origens do Cristianismo. A primeira representação do presépio está num sarcófago do Museu de Termas, em Roma: uma árvore, indicando cabana; um pastor, que medita apoiado num bastão; um rústico cocho com folhas, onde é colocado o Menino envolto em faixas. Inclínadas sobre ele, as cabeças do burro e do boi. Esse sarcófago é de 325 d.C., portanto do século IV. Logo chama a atenção a paisagem cósmica presente. Nessa época

* As ideias que seguem estão baseadas, em sua maioria, em: PASTRO, Cláudio. *Arte sacra*; o espaço sagrado hoje. São Paulo: Loyola, 1993. p. 224-233.

** **Irmão Paulo Dullius** é religioso lassalista, membro do Grupo de Reflexão de Psicólogos da CRB do Rio Grande do Sul e integrante da Equipe de Reflexão Psicológica da CRB-Nacional. Formado em Filosofia e Teologia, tem licenciatura e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, e doutorado em Antropologia Filosófica pela Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma. **Endereço do autor:** R. Honório Silveira Dias, 636, São José, CEP 90550-150, Porto Alegre-RS Tel.: (51) 3219-3707/3358-3600. E-mail: pdullius@delasalle.com.br.

Natal: o nascimento do Messias.

O presépio: memória e reconhecimento do Messias

770

foi criada a liturgia do Natal, que se repete anualmente em tantas famílias, em tantas Igrejas e em tantas outras expressões. Em Roma, tal festa já é celebrada em 336, substituindo a festa do Deus-Sol, ao redor do solstício de inverno, que é 21 de dezembro. No hemisfério sul, ao redor do solstício de verão. Nesta primeira representação no sarcófago não estão presentes nem Maria nem José, não existem anjos nem estrelas. Eles são de uma elaboração teológica posterior. Nenhuma gruta protege o pequeno Menino do inverno e do sol, apenas uma árvore e a presença das figuras do boi e do burro. Se até hoje não dispensamos tais animais no presépio é porque são altamente significativos e simbólicos. A presença afetiva de outros animais, de outras figuras e paisagens não conseguiu se impor no tempo e desapareceu, ao passo que o boi e o burro permanecem.

As imagens-símbolo

Temos hoje algumas imagens-símbolo presentes no presépio, que admiramos e que sensibilizam nosso coração de uma forma surpreendentemente positiva. Para compreendê-las vamos esclarecer seu significado. É preciso reconhecer, também, que nem todas essas imagens-símbolo estiveram presentes desde a origem, são fruto de elaborações teológicas e pastorais no decorrer do primeiro milênio.

O boi e o burro

Até os séculos VI e VII as representações do presépio sempre tinham a presença do boi e do burro. Quando, por razões de espaço, o presépio se reduz aos elementos essenciais, o par de animais está sempre presente. Um sarcófago de Milão representa a cobertura do estábulo, e estão somente as figuras do Menino, do cocho, do boi e do burro. Numa medalha de ouro descoberta em Adana, Turquia, encontramos uma versão ainda mais concisa do Mistério Natalino: o Menino, o cocho, os animais e a árvore que recorda o campo. Maria aparece em outras cenas: Anunciação, visita a Isabel, fuga ao Egito, chegada dos magos. No sarcófago de

Santo Ambrósio, Milão, aparece o Menino, que dorme num cocho, ladeado por dois animais deitados simetricamente. Não há outras testemunhas do nascimento de Cristo. Em síntese: podem faltar os magos ou os pastores, estrelas ou anjos, gruta ou estábulo, mas não o boi e o burro. Falta São José e, para surpresa nossa, falta Nossa Senhora. Ou, quando aparece, ocupa uma posição aparentemente secundária. Isso quer dizer que há um significado teológico importante presente na imagem desses dois animais.

Os Evangelhos não falam deles de modo satisfatório, pois poderíamos colocar outros ou mais animais. O tema de animais é pouco frequente nos Evangelhos. A presença permanente do boi e do burro nasce de finalidades simbólicas, correspondendo a uma interpretação patrística. Os Padres da Igreja, dos inícios do Cristianismo, nos apresentam um significado deveras importante e interessante. Segundo eles, referem-se a duas profecias. Uma, de Is 1,3: “O boi entende o seu proprietário, o burro conhece o cocho de seu dono”.

Os Padres da Igreja deram a essas citações um sentido messiânico e as colocaram em relação com o estábulo de Belém. Messiânico no sentido de aplicá-las ao Messias esperado, aquele que libertaria o povo de uma diversidade de cativeiros e escravidões. Quer-se mostrar que Jesus é o Messias e é reconhecido como tal. Esta interpretação remonta ao século II. Os animais são um símbolo do reconhecimento do Messias, um símbolo de significado profundo. O boi é o povo de Israel, que levou o jugo da Lei; o burro, animal de carga, é o povo gentio, carregado de pecados de idolatria: desses dois povos nasceu a Igreja que reconhece o Senhor. Há muitas citações bíblicas falando do jugo da Lei. Não é por nada que São Paulo fale tantas vezes dessa escravidão da Lei. O próprio Jesus se mostra crítico diante dela. A idolatria tem sido também o grande pecado citado no Antigo Testamento.

O burro e o boi significam, portanto, os dois componentes originais da Igreja: a Igreja dos gentios e a Igreja dos circuncidados. São, portanto, belos símbolos eclesiais. A Igreja começa a partir de dois povos com sinais de jugo,

Natal: o nascimento do Messias.

O presépio: memória e reconhecimento do Messias

escavidão e carga da idolatria. Judeus e gentios significam toda a humanidade. Assim, no boi e no burro Jesus é reconhecido como Messias, e é nesses símbolos e povos que se inicia a Igreja.

Os pastores e os magos

Os magos (Mt 2,2) do Oriente, conduzidos por uma estrela, são um claro simbolismo de convocação universal à salvação. É esta a vocação dos gentios. E são uma outra versão do simbolismo do burro.

Os pastores de Belém, aos quais os anjos anunciam o nascimento do Messias Salvador (Lc 2,10ss), são símbolo da convocação dos judeus. Portanto, como diz Santo Agostinho, “do mesmo berço do seu nascimento se manifestou Cristo àqueles que eram vizinhos, próximos, e àqueles que se achavam longe: aos judeus – nos vizinhos pastores; aos gentios – nos magos distantes”.

Os magos, provenientes dos gentios, e os pastores, provenientes do povo de Israel, adquiriram na arte primitiva o mesmo simbolismo do boi e do burro. Há, portanto, certa correspondência de significado entre boi e pastores, de um lado, e, do outro, entre burro e magos. Ao redor do século IV aparece um novo esquema natalino, no qual, portanto, além do boi e do burro, estão presentes os pastores e os magos. Nas palavras de Santo Agostinho, “neles (pastores e magos) começou o boi a reconhecer o seu patrão, e o burro a conhecer o estábulo de seu senhor”. Assim, temos numa bela linguagem de imagens a realidade misteriosa de uma Igreja, única e unida, formada por duas modalidades de uma mesma vocação. Em síntese, temos dois conjuntos de imagens para indicar a universalização do reconhecimento de Jesus como Messias: 1) boi, judeus, próximos; 2) burro, gentios, distantes.

Portanto, com os pastores de Lucas e os magos de Mateus, com o boi e o burro de Isaías (Is 11,6-7; Mt 2,1-12; Lc 2,8-18) e de Habacuc, os antigos artistas cristãos criaram a imagem do presépio, que é símbolo conquistado da

Igreja reunida junto ao berço do Senhor. Se eles separaram a Mãe do Filho, fizeram-no para circundar o estábulo do recém-nascido com os símbolos proféticos que apresentam Cristo como Messias Salvador da Igreja Universal: aquela que vem dos judeus, mas também dos gentios. Por isso o conteúdo do presépio é um dado dogmático: o Filho de Deus, estendido na manjedoura, se torna centro da história salvífica do ser humano.

A manjedoura–altar

Nas últimas manifestações da iconografia paleocristã ocidental, o esquema mudou: no lugar dos dois grupos simétricos – pastores e magos – foram representados Maria e José. O burro e o boi conservaram, contudo, seu lugar habitual. Numa representação do século V, conservada em Milão, os animais simbólicos se inclinam sobre o Menino estendido sobre a palha; Maria, sentada à direita da manjedoura, aparece com vestes de matrona; José, representado como um jovem operário, tem na mão um serrote de carpinteiro. A manjedoura é feita de tijolos e passa a ser importante na representação natalina da época. Em tardias píxides de marfim conservadas em Berlim e Viena, o bloco de pedra já é altar, cuja mesa é cavada como uma bandeja, sobre a qual está depositado o Menino. Alguma representação posterior coloca Maria vestida de púrpura, repousando sobre um rico acolchoado; o Menino, envolto, também em faixas de púrpura, repousa sobre o altar. A púrpura, atributo imperial, significa que Maria, a Mãe de Deus, deu à luz o Filho de Deus, o Salvador, o Rei do Universo. Apresenta-se, portanto, uma posterior elaboração teológica, já com perspectivas escatológicas.

Simbolismo eucarístico

A permanência desses símbolos é porque significam um simbolismo dogmático. A presença do altar nas cenas da natividade, segundo alguns autores, significa a ligação entre a encarnação de Cristo e a sua morte sacrificial, simbolismo

Natal: o nascimento do Messias.

O presépio: memória e reconhecimento do Messias

eucarístico. Belém significa “Casa do Pão”.¹ São Jerônimo escreve que São Paulo, quando entrou na gruta, teria exclamado: “Te saúdo, Belém, casa do pão, na qual nasceu o pão descido do céu”. Os Padres da Igreja associaram o Menino e o “Pão da Vida” na imagem do feno. Santo Ambrósio diz: “O boi reconhece o seu proprietário, e o burro o estábulo de seu patrão”. Ainda: “Aquele povo que antes se alimentava com o feno miserável agora recebe o pão que desce do céu”. A Eucaristia é o alimento da vida de todo ser humano, especialmente do cristão.

Cirilo de Alexandria diz que “Jesus foi colocado na manjedoura a fim de que nós, deixando a nossa vida de animais, voltássemos para a razão, que é própria dos homens; aproximando-nos da mesa de seu estábulo, não encontrássemos mais o feno, mas o pão descido do céu: o corpo da vida”. O feno do cocho, o pão da ceia e a vítima da cruz se fundem, dando vida a um sinal de grande profundidade teológica. Por trás das figuras do burro e do boi existe a Igreja, aquela que vem da circuncisão e aquela que vem dos gentios. Uma Igreja – e nela nós estamos agora – que se alimenta do feno misterioso da carne de Deus, da Eucaristia. A Igreja renova a fé no Jesus que nasceu em Nazaré da Galileia. Jesus continua sendo o pão da humanidade. Nosso esforço continua sendo trabalhar para que seu Reino cresça e para que mais pessoas possam usufruir desse pão e encontrar um sentido integral para suas vidas.

Conclusão

Neste percurso histórico e simbólico das figuras e símbolos do presépio se revela uma grande mensagem que ultrapassa o romantismo e o sentimentalismo. Trata-se do reconhecimento de Jesus Cristo que nasce como sendo o Messias. A ele recorreremos como força salvífica, como luz. Natal é festa de Luz. E Jesus é Luz e salvação para toda a humanidade, para os próximos e para os distantes, para todos os seres humanos, para todos nós e para cada um de nós. O nascimento de Jesus é o grande presente de Deus à humanidade.

1. Neste sentido, o Pai-Nosso, numa linguagem de setário, sete frases, coloca a relação “do pão nosso de cada dia” como no centro. O pão nosso é o que dá a vida, e quem mais do que Jesus é a vida?

Integrados, pela fé, nesta causa de Jesus, alimentados pela Eucaristia, nossa vida tem um sentido cada vez mais profundo. Assim, com toda intensidade, podemos compreender e dizer: “Feliz Natal!”.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que motivações perpassam nossas comunidades ao montar a cena do nascimento de Jesus?
2. Que aprendemos das imagens-símbolo?
3. Como podemos definir o simbolismo eucarístico do presépio?

Vida Religiosa Consagrada: um sinal de Deus na Modernidade líquida

CÉSAR THIAGO DO CARMO ALVES, FMI*

Introdução

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman nos apresenta uma nova nomenclatura para o momento que vivemos. Ele o chama de *Modernidade líquida*. É diante das reflexões feitas por Bauman que versaremos a nossa discussão sobre a Vida Religiosa Consagrada, demonstrando que ela é um sinal de Deus no contexto atual.

Alguns serão os pontos que pretendemos confrontar, no intuito de proporcionar a reflexão sobre esta VRC que está inserida no mundo, na sociedade. Para iniciarmos a nossa discussão, começaremos refletindo sobre o ser consagrado na Modernidade líquida. A escolha de tal tema para iniciar a nossa discussão se deve ao fato de que consideramos de fundamental importância a reflexão, em primeiro lugar, sobre a pessoa consagrada. Como ela se insere nesta realidade de Modernidade líquida e quais são os desafios a ela apresentados.

A espiritualidade é um outro elemento significativo para a VRC. Ela manifesta a profundidade das relações com Deus, consigo mesmo e com o outro. Essas relações estão sendo superficializadas no contexto atual, por isso a VRC tem muito a dizer, a partir da perspectiva da espiritualidade.

A dimensão da missão não pode ficar excluída de nossa reflexão, haja vista que somos consagrados(as) para a missão, missão de anunciar o Senhor a partir da opção preferencial pelos pobres. Estar em missão para a VRC significa ir ao encontro do outro, sobretudo daquele que mais sofre. É

* Irmão César Thiago do Carmo Alves pertence à Congregação dos Filhos de Maria Imaculada (Pavonianos). É especialista em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e estudante de Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. **Endereço do autor:** R. Dias Toledo, 99, Vila Paris, Belo Horizonte-MG, CEP 30380-670. E-mail: caesarth@hotmail.com.

vislumbrar no sofredor o rosto de Jesus que sofre. Esta é a mística da missão.

Por fim, abordaremos a questão da comunidade religiosa vista como sinal da comunhão e da fraternidade. Em meio a tantas comunidades efêmeras que surgem na Modernidade líquida, onde não há criação de laços fortes entre os seus membros, a VRC, a partir do seu viver em comum, busca apresentar uma forma de comunidade duradoura e de relações mais profundas.

Este será o caminho que iremos percorrer, a fim de demonstrar que a VRC é um sinal de Deus na Modernidade líquida.

Ser consagrado na Modernidade líquida

Modernidade líquida é a expressão genuína de Zygmunt Bauman sobre o atual momento vivenciado por nós. Tal momento impõe uma série de desafios à pessoa consagrada, porque esses desafios provêm de uma sociedade plural que coloca tudo como relativo. Faz-se necessário considerar que a mesma é regida por ordens ditadas pelo sistema econômico. Esta sociedade, regida “pelo capitalismo leve¹ tende a ser”,² segundo Bauman, obcecada “por valores”,³ mas tais valores não são os anunciados pelo Cristianismo, que são o amor ao próximo, o anúncio da verdade e a denúncia das injustiças, a caridade que liberta o ser humano, entre outros. Os valores pelos quais o capitalismo leve é obcecado são traduzidos em moedas. A preocupação maior de tal sistema é com as bolsas de valores e não com o ser humano em si. O ser humano é visto apenas como consumidor.

No bojo disso, como se insere a pessoa consagrada? Ser consagrado na Modernidade líquida implica ser sinal de Deus diante de tantas incertezas e efemeridades, oriundas da sociedade Moderna líquida, haja vista que a pessoa consagrada professa com a sua vida o absoluto e o não relativo, isto é, Deus, e “dá testemunho da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo”.⁴

1. Capitalismo leve é o tipo de capitalismo que desconhece ou, ainda, ignora fronteiras.

2. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 72.

3. *Ibid.*

4. *Lumen Gentium*, n. 44.

A identidade é um elemento importante para se compreender no mundo. A pessoa consagrada, diante do sistema econômico e das ideologias propagadas pelo mercado e pela pluralidade cultural que atualmente estamos vivenciando, deve ter consciência de sua identidade, que

está, pois, primordialmente, em tudo aquilo que recupera em nós, de modo intenso e consistente, a marca central e profunda de Jesus Cristo, como alicerce fundante de tudo aquilo que em nós e de nós aparece.⁵

A identidade da pessoa consagrada, como de todo cristão, se fundamenta na centralidade de Jesus Cristo. É tendo a consciência dessa centralidade em nossa vida que poderemos ir na contramão da perspectiva do ser humano visto apenas como consumidor. Isto já é, em si, uma profecia que a pessoa consagrada anuncia com a própria vida, haja vista que o “profetismo é inerente à Vida Consagrada enquanto tal, devido ao radicalismo do seguimento de Cristo”.⁶ Entretanto, a pessoa consagrada pode anunciar ao sistema econômico quando cede espaço para o aburguesamento, tornado-se, assim, um contratestemunho. Por isso, anunciar o Cristo e não o sistema econômico é uma das características do consagrado na Modernidade líquida.

Sabendo, pois, do contexto sócio-histórico, político e econômico em que estamos inseridos, e tendo uma visão da atual conjuntura da sociedade em que a lei do mercado é soberana a tudo e a todos, ditando as regras da formação da sociedade, a pessoa consagrada,

por seu modo de ser e de agir [...] exerce esse sinal de *relativização* de toda e qualquer realidade que pretenda ser absoluta. [...]. Ela também antecipa o estilo de sociedade que Deus sonha para a humanidade.⁷

Sendo assim, ela demonstra que a sociedade sonhada por Deus não é a sociedade da lei dos mais fortes, não é aquela que por seu sistema econômico exclui a tantas pessoas, co-

5. AZEVEDO, Marcello. *Vidas consagradas e encruzilhadas*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 185.

6. JOÃO PAULO II. *Vita consecrata*. São Paulo: Paulinas, 1996. n. 84. (Coleção A Voz do Papa, n. 147.)

7. OLIVEIRA, José Lisboa. *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 34.

locando-as em situação de vulnerabilidade social, mas sim a sociedade da igualdade de direitos, de vigência de justiça e de amor ao próximo. É a sociedade em que as pessoas vivem como irmãs, a ponto de doar-se ao outro, estabelecendo, assim, a comunhão e a fraternidade. Entretanto, só pode haver tal sociedade sonhada por Deus quando o mesmo é o Absoluto na vida das pessoas. Por isso a pessoa consagrada deve primar por este Absoluto na sua vida e, consequentemente, relativizar todas as outras realidades, tal qual o sistema econômico que se autoanuncia como absoluto, mesmo diante da crise econômica que abalou sua estrutura.

Faz-se necessário lembrar que,

queiramos ou não, somos produtos de nossa sociedade e de nosso meio ambiente. Ninguém escapa dessa realidade. [...]. Estamos constantemente sendo bombardeados pelos princípios da Pós-Modernidade, especialmente pelos meios de comunicação.⁸

Portanto, a pessoa consagrada deve ter consciência dessa proposição, a fim de que o seu testemunho seja encarnado no tempo e no espaço, isto é, na história. Porque é tendo presente esta premissa que ela poderá, de fato, ir na “contramão”, pois conhece bem a sua realidade, o chão que pisa.

Bauman constata que

ninguém ficaria surpreso ou intrigado pela evidente escassez de pessoas que se dispõem a ser revolucionários: do tipo de pessoas que articulam o desejo de mudar seus planos individuais como projeto para mudar a ordem da sociedade.⁹

Esse é um elemento que se faz necessário considerar, pois é uma das marcas do individualismo. Ao olharmos a história, perceberemos várias figuras paradigmáticas que mudaram seus planos individuais em vista de algo coletivo, tais como: Mahatma Gandhi, Martin Luther King e tantos fundadores e fundadoras de Congregações. Contudo, hoje, não se percebe mais tal espírito, ou, ainda, iniciativa, por parte de muitos.

8. KEARNS, Lourenço. *A teologia da vida consagrada*. 6. ed. Aparecida: Santuário, 2005. p.81.

9. BAUMAN, *Modernidade líquida*, p. 12.

Fazer revolução nos remete ao compromisso social e à responsabilidade de nossas ações. Aqui não nos referimos a revolução no sentido de luta armada, como atualmente as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) compreendem, mas sim na dimensão de ter uma atitude humanitária que colabore para a mudança da realidade, a fim de humanizar a mesma. O binômio compromisso social-responsabilidade das ações soa cacofônico aos ouvidos de muitos e por isso cada um se fecha em seu mundo existencial sem se interessar, comprometedoramente, com o outro.

Interessar-se pelo outro, atitude da pessoa consagrada, implica contemplar as atitudes de Jesus, que “revela a profundidade do amor de Deus pelo homem”,¹⁰ e, concomitantemente, seguir tal exemplo, no intuito de, como Jesus, manifestar para todos que nos circundam o amor de Deus, haja vista que Jesus é o paradigma para todo cristão e, conseqüentemente, para toda pessoa consagrada.

A pessoa consagrada deve ser sinal por ser portadora de vida e de esperança que vem de Deus, por isso disposta a ser uma, das poucas que existem, pessoas a fazer a revolução acontecer.

Apostar e trabalhar para a humanização da realidade, não se fechando no seu mundo existencial, mas pensando no coletivo; pensando numa sociedade de irmãos onde todos possam, um dia, sentar juntos à mesa, como é conspícuo nas primeiras comunidades cristãs, e partilhar o pão (cf. At 2,42), pois na sociedade Moderna líquida não há espaço para fazer tal partilha acontecer de forma gratuita, pois a mesma está preocupada apenas com o lucro, porque tem como centro de sua política econômica o capitalismo leve, que por sua vez gera desigualdade, falta de comunhão e de fraternidade.

Assim, a pessoa consagrada demonstra que a partilha gratuita, o interesse pelas necessidades do outro, a partir do testemunho das primeiras comunidades cristãs, é superior a este. Assim, ela estará renovando a “presença de Cristo e de sua Igreja na história e nas estruturas do mundo”.¹¹

10. JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, n. 75.

11. BALLESTRE-RO, Anastasio. *I consacrati nella Chiesa e nel mondo*. Milano: Edizione Paoline, 1994. p.128.

A espiritualidade como um sinal

A espiritualidade na Vida Religiosa Consagrada é um sinal de Deus na sociedade Moderna líquida, porque a mesma nos remete à questão da relação. Ora, relação com quem? A resposta é um tanto óbvia e por isso faz-se necessário que seja manifestada de forma categórica. Relação com Deus, comigo mesmo e com o outro. Não se pode falar de espiritualidade a partir de uma relação somente com Deus e muito menos de uma espiritualidade que se fundamenta somente nas relações humanas. Portanto a espiritualidade parte de uma experiência de Deus e se prolonga nas experiências de relações humanas. Por isso há de se considerar que a experiência de Deus é

imediate e mediata. Imediata porque se experimenta Deus mesmo e não alguma criatura. Ele se manifesta a si mesmo. Mas não se manifesta imediatamente, e sim em realidade humana. No fundo, coexperimenta-se Deus e uma realidade criada.¹²

Porque a espiritualidade na Vida Religiosa Consagrada é um sinal de Deus na sociedade Moderna líquida, partindo da perspectiva da relação? Aqui elucidaremos alguns aspectos que fazem que ela seja esse sinal.

Em primeiro lugar, diz respeito à questão da superficialidade da relação com Deus. Hodiernamente, busca-se Deus como um solucionador dos problemas pessoais, mais do que um Deus próximo que é amigo. Um Deus imediatista e do puro extraordinário. O desejo do encontro com o Deus imediatista e do puro extraordinário é uma das características próprias do momento cultural que estamos vivenciando. É o tempo do espetáculo, em que tudo tem de ser transformado em *show*. Situações delicadas, como sequestros, assassinatos e outros tipos de violência, são transformadas em grandes espetáculos transmitidos pelos meios de comunicação a fim de entreter o espectador.

Nesta mesma lógica se encontra a dimensão do sagrado, que por sua vez tem também o seu espaço reservado na

12. LIBANIO, João Batista. *Vida religiosa*; sempre a renascer. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 44.

mídia. Vemos líderes religiosos que por sua vez proclamam curas e milagres, expulsam demônios e prometem sucesso na vida financeira. Todo esse discurso sempre pautado na perspectiva transcendental. Contudo tal discurso não vem acompanhado de uma motivação para que se cultive uma relação de profundidade com o Transcendente. Não há a proclamação da dimensão mística da amizade com Deus.

Sendo assim, Deus passa a ser também um objeto a ser consumido. Isso valida ainda mais a tese no que tange ao sujeito da Modernidade líquida, que tem “a vida organizada em torno do consumo [...]”,¹³ e tal vida “é orientada pela sedução, por desejos”.¹⁴ Diante da esfera do sagrado, a mídia colabora na dimensão de seduzir e de aguçar o desejo da pessoa que é espectadora daquele programa religioso que promete a felicidade a partir das soluções imediatas dos problemas pessoais.

Por isso faz-se necessário ressaltar

o formidável poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual. Imagens poderosas, ‘mais reais que a realidade’ em tela, ubíquas, estabelecem os padrões da realidade de tornar mais palatável a realidade ‘vivida’.¹⁵

Portanto, nesta forma de encarar o sagrado não há espaço para a relação com o Deus amigo, ficando, assim, na superficialidade da mesma, não abrindo as portas para ele entrar a fim de que se sente à mesa e ceie conosco (cf. Ap 3,20). Sendo assim, não há possibilidade de fazer uma real experiência de Deus.

A Vida Religiosa Consagrada vem ser uma contraproposta deste tipo de relação. Ela deve manifestar a sua relação com Deus de uma forma mais profunda, partindo de sua mística, demonstrando que Deus não é um objeto a ser consumido, mas sim alguém que caminha conosco. Para isso convém recordar que “a vida espiritual deve ocupar o primeiro lugar no programa das famílias religiosas”.¹⁶

13. BAUMAN, *Modernidade líquida*, p. 90.

14. *Ibid.*

15. *Ibid.*, p. 99.

16. JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, n. 93.

Em segundo lugar, trata-se da relação do ser humano consigo mesmo. Para discursarmos sobre este ponto podemos começar nos perguntando como está esta relação. Basta observarmos ao nosso redor que teremos elementos suficientes para poder responder a tal pergunta. Podemos notar que o ser humano ainda tem o desejo de responder à pergunta “quem sou eu?”, questão esta inerente a todo ser humano. Entretanto, a sociedade Moderna líquida não proporciona espaço suficiente para a reflexão de tal indagação, impondo ao ser humano reflexões periféricas que o mesmo deve considerar como sendo essenciais para a sua vida. Neste sentido se encontram a ditadura da beleza, pela qual o ser humano deve ir à academia malhar para poder ter um corpo fisiculturado; as plásticas, como segredo da eterna juventude; a moda, como forma de inserção no meio social etc. Tudo isso não possibilita ao ser humano mergulhar dentro de si mesmo, no intuito de aprofundar a sua relação consigo mesmo. E uma vez que esta relação fica à mercê das reflexões periféricas impostas pela sociedade Moderna líquida, consequentemente a relação com Deus e com o outro também serão prejudicadas.

A Vida Religiosa Consagrada, neste sentido, deve ser um sinal de contradição. Ao considerar este tipo de relação, ela, com o seu testemunho profético, deve manifestar que a relação pessoal consigo mesma é algo vital e que não pode permanecer na periferia. Esta relação consigo mesma depende de um cultivo da vida espiritual, a qual toda pessoa consagrada é convocada a fazer, haja vista que é o Espírito Santo quem guia esta pessoa para uma fecunda relação consigo mesma, fazendo com que ela mergulhe em seu mistério humano.

Em terceiro lugar, refere-se à questão da relação com o outro. A relação com o outro é o termômetro de uma vida pautada nos valores do Reino. A Primeira Carta de João (4,20) nos apresenta isso de uma forma bastante clara ao falar que, quando uma pessoa diz que ama a Deus, mas não ama a seu irmão, tal pessoa é mentirosa.

Atualmente, é conspícua a superficialidade das relações. Há falta de fraternidade e de um espírito de comunhão entre as pessoas, há falta de sensibilidade diante do sofrimento alheio e há falta de uma compaixão que promove o ser humano, sobretudo pelos que se encontram em situação de vulnerabilidade social, isto é, os pobres. Cada um se fecha em seu mundo existencial, preocupando-se exclusivamente consigo mesmo. Evidentemente, não podemos incluir todos nesse esquema. Todavia, de modo geral, este é o fenômeno que se percebe.

Quando nos referimos à relação com o outro, falamos também da relação com a natureza. Quando vemos a mesma sendo destruída pela perversidade e ganância humana, quando poucos se preocupam em preservá-la, seja a partir de atitude macro, seja micro, valida-se ainda mais a teoria pela prática de que a relação com o outro é superficial e, ainda mais, de destruição.

Dentro dessa perspectiva a Vida Religiosa Consagrada se torna sinal da presença de Deus. De cultivo dos valores do Reino. Ela, pela sua identidade, vem a ser o oposto do que podemos observar na sociedade Moderna líquida no que diz respeito à relação com o outro. A Vida Religiosa Consagrada é um *locus* em que se promove uma espiritualidade da comunhão.

Espiritualidade da comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como “um que faz parte de mim”, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade. Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um “dom para mim”, como o é para o irmão que diretamente o recebeu. Por fim, espirituali-

dade da comunhão é saber “criar espaço” para o irmão, levando “os fardos uns dos outros” (Gl 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes.¹⁷

Portanto, o outro, para a Vida Religiosa Consagrada, é algo ou alguém que não pode ser substituído por coisas irrelevantes, porque o outro e a relação com o mesmo é algo insubstituível, sobretudo quando este outro necessita de um amparo, de uma ajuda solidária. É por meio de sua relação com o outro que a Vida Religiosa Consagrada demonstra a profundidade de sua relação com Deus, podendo, assim, dizer que ama imensamente ao Senhor, porque ama também o irmão que este mesmo Senhor a ela deu como presente, como dom.

Missão da Vida Religiosa Consagrada na Modernidade líquida

É indubitável que a missão da Vida Religiosa Consagrada na Modernidade líquida deriva da opção preferencial pelos pobres. E neste tempo tal opção se torna ainda mais necessária, porque os pobres são os que são deixados à margem pela sociedade, pois, quando podem consumir, não o fazem como aqueles que têm maior poder aquisitivo.

A atitude da sociedade da Modernidade líquida diante dos pobres é aquela referida por Bauman ao remeter a um dos maiores antropólogos de nosso tempo, Claude Lévi-Strauss, em sua célebre obra *Tristes trópicos*, que “consiste em ‘vomitar’, cuspir os outros vistos como incuravelmente estranhos e alheios”.¹⁸ Esses outros são, como mencionamos anteriormente, os pobres:

Ir em missão ao encontro do pobre, a fim de acolhê-lo e de ser sinal de esperança de Deus para ele diante de um sistema econômico que na verdade mais o destrói do que o promove, faz com que a Vida Religiosa Consagrada em primeiro lugar o acolha na perspectiva de estar acolhendo o próprio Cristo, que já anunciou que é nos pobres que ele

17. Id. *Novo milênio inerte*. São Paulo: Paulinas, 2001. n. 43. (Coleção A Voz do Papa, 180.)

18. BAUMAN, *Modernidade líquida*, p. 118.

está (cf. Mt 25,35-40). Nesta perspectiva, o pobre deve inquietar todo aquele que é consagrado, porque é o próprio Senhor quem sofre.

Há de se considerar que

a opção pelos pobres inscreve-se na própria dinâmica do amor, vivido segundo Jesus Cristo. Assim estão obrigados a ela todos os seus discípulos; mas aqueles que querem seguir o Senhor mais de perto, imitando as suas atitudes, não podem deixar de se sentirem implicados de modo absolutamente particular em tal opção.¹⁹

Jesus de Nazaré, o Cristo, também fez a opção preferencial pelos pobres. Portanto, todo consagrado que segue a este Jesus pauta também a sua vida na vivência paradigmática dele. Sendo assim, ao contemplar a vida do Senhor e a sua atitude de uma opção preferencial, este consagrado não pode ficar alheio ao sofrimento, imposto pelo sistema econômico a todo pobre, que segundo o sistema ele não é livre, porque a liberdade na sociedade de consumo atual significa a oportunidade de ir às “compras”²⁰ e poder comprar, ir aos grandes templos do consumo e ali gastar todo dinheiro, no intuito de satisfazer um desejo pessoal: o de consumir.

A Vida Religiosa Consagrada, a partir de seu testemunho, anuncia a esse pobre que os valores da vida estão além da ótica do consumo. Que o Reino de Deus é igual para todos.

Judith Merkle, ao se referir à questão da relação com os pobres, nos diz que “esta relação deveria iluminar os valores da vida apesar das trevas da cegueira dos indivíduos e da sociedade”.²¹ De fato, a dimensão da relação com os pobres é para a Vida Religiosa Consagrada um fator que a ilumina, porque ela, assim, pode “comunicar a sua inspiração religiosa”,²² relacionando com o pobre ela se relaciona com o próprio Senhor. Neste sentido podemos perceber a mística da missão da Vida Religiosa Consagrada na Modernidade líquida. Todavia faz-se necessário ressaltar que a perspectiva social da Vida Religiosa Consagrada “em relação aos pobres não corresponde a todo sentido da Vida Religiosa. É apenas

19. JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, n. 82.

20. Cf. BAUMAN, *Modernidade líquida*, p. 102-103.

21. MERKLE, Judith. *O compromisso da escolha; a vida religiosa nos dias atuais*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 70.

22. *Ibid.*, p. 69.

uma forma pela qual os religiosos testemunham o significado de Deus em suas vidas”.²³

Portanto, sendo a profecia um dos elementos inerentes à Vida Religiosa Consagrada, a sua missão, que deriva da opção preferencial pelos pobres, deve conduzi-la a anunciar o Reino de Deus a esses pobres e a denunciar toda e qualquer forma de injustiça que vem a transgredir o direito do pobre de viver com dignidade.

Comunidade: sinal da comunhão e da fraternidade na Modernidade líquida

Zygmunt Bauman dedica um capítulo inteiro de seu livro *Modernidade líquida* para tratar do assunto comunidade. Ele nos apresenta as chamadas comunidades “cloakroom [vestiário]” ou “de carnaval” e diz que elas são indispensáveis à “paisagem da Modernidade líquida”.²⁴ Mas, afinal, que vêm a ser tais comunidades? Segundo Bauman, são comunidades que “dão alívio temporário às agonias de solitárias lutas cotidianas”,²⁵ mas observa também que essas comunidades “impedem a condensação de comunidades ‘genuínas’ (isto é, compreensivas e duradouras)”.²⁶ São comunidades fugazes. As pessoas se reúnem para quebrar a “monotonia da solidão cotidiana”,²⁷ mas na verdade tais comunidades “espalham, em vez de condensar, energia dos impulsos de sociabilidade, e assim contribuem para a perpetuação da solidão”.²⁸ Neste tipo de comunidade não existe o verdadeiro sentido de um carregar o(os) fardo(s) do(s) outro(os) (cf. Gl 6,2), porque para isto exige que a(s) pessoa(s) se torne(m) sensível(eis) ao outro. Comunidades “cloakroom” não permitem que se crie este tipo de sensibilidade, pois as pessoas ficam voltadas somente para si mesmas. Talvez este seja um motivo pelo qual tais comunidades não sejam duradouras.

A sociedade da Modernidade líquida está repleta de comunidades “cloakroom”. Que é que essas comunidades têm a nos dizer enquanto Vida Religiosa Consagrada? A Vida Religiosa Consagrada, do ponto de vista da perspectiva de comunidade, busca a comunhão e a fraternidade, pois ela é

23. *Ibid.*, p. 70.

24. BAUMAN, *Modernidade líquida*, p. 229.

25. *Ibid.*

26. *Ibid.*, p. 230.

27. *Ibid.*, p. 229.

28. *Ibid.*, p. 230.

uma “comunidade fundamentada no Evangelho”.²⁹ Esta é uma marca que ela deixa na conjuntura da atual sociedade. Não buscando criar comunidades “cloakroom”, mas sim comunidades verdadeiras, que são, por sua vez, duradouras. E são duradouras porque estão pautadas no Evangelho.

Ter um só coração e uma só alma (cf. At 4,32), este é o objetivo da vida em comunidade das famílias religiosas. Estar unidos entre si porque estão unidos ao Senhor. Neste sentido a vida em comum também se torna uma comunhão de vida. Assim, há nessas comunidades uma partilha de vida e uns ajudam os outros a carregar os fardos (cf. Gl 6,2). Não são comunidades efêmeras como as comunidades da Modernidade líquida.

As comunidades “cloakroom” trazem em si uma característica que é a da “nova fragilidade dos laços humanos”.³⁰ Esta característica é o diferencial no que tange ao comparativo desses tipos de comunidade para as comunidades da Vida Religiosa Consagrada. Como sinal, as comunidades religiosas devem buscar criar laços fortes, isto é, vínculos, entre os seus membros, porque “só crescemos em contato com os outros, a ponto de só passarmos a conhecer a nossa própria identidade quando a lemos refletidamente nas reações, respostas, nos olhares dos outros. São os outros que nos revelam”.³¹

A vida fraterna é uma tarefa a ser construída. Não é algo que se encontra pronto, aliás, é uma árdua tarefa. Entretanto ela é possível, pois nasce da comunhão, que é dom de Deus.³² A partir da vida fraterna, a Vida Religiosa Consagrada apresenta a sociedade em que é possível, sim, estar com os outros e se preocupar com eles. Que é possível compartilhar as dores e as alegrias. Que é possível viver em comunhão e fazer a comunhão de vida acontecer. Que o outro não é algo a ser descartado, mas sim alguém que é meu irmão, que está na mesma dinâmica que eu, isto é, a existência. Que o outro é um presente de Deus para mim e por isso devo fazer acontecer a fraternidade com ele.

Neste sentido, a Vida Religiosa Consagrada cumpre mais uma vez o seu papel de ser profeta, pois anuncia em meio

29. Cf. LOZANA, Juan M. *Vita religiosa, parabola evangelica*; una reinterpretazione della vita religiosa. Milano: Ancora, 1994. p. 203.

30. BAUMAN, *Modernidade líquida*, p. 195.

31. COLOMBERO, Giuseppe. *Vida religiosa*; da convivência à fraternidade. São Paulo: Paulus, 2003. p. 12.

32. Cf. CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *A vida fraterna em comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1994. n. 11. (Coleção A Voz do Papa, n. 135.)

à fragilidade dos laços humanos a possibilidade de se criar laços de relações fortes.

Todavia, para que isso aconteça faz-se necessário que a comunidade religiosa seja uma comunidade saudável. A saúde de uma comunidade depende de vários fatores, entre os quais uma vida espiritual que seja priorizada. Outro elemento diz respeito à acolhida de um irmão para com o outro, que o ambiente seja de respeito mútuo e de diálogo. Portanto, é preciso haver uma comunidade suficientemente madura e que seja cristocêntrica.

A maturidade de uma comunidade depende, necessariamente, da maturidade de seus membros. É preciso que eles tenham a consciência de que foram chamados pelo Senhor a viver uma vida em comum e que esta vida é a radicalização do comum espírito fraterno que une todos os cristãos.³³ Faz-se necessário considerar que a comunidade deve também favorecer o crescimento dos seus membros, sendo “um lugar de partilha viva, de um autoconhecimento amadurecido, um espaço de confiança”,³⁴ bem como um lugar onde cada pessoa possa crescer “em amor por si mesma e pelo próximo, por meio da convivência humana e justa”.³⁵

Rivalidades, ciúmes e invejas são comuns ao ser humano, por isso a comunidade religiosa precisa considerar esses aspectos e deve confrontá-los, mas não pode alimentá-los, pois deixaria de ser sinal de Deus diante da Modernidade líquida, porque geraria divisão e não o seu contrário.

Para que a vida comunitária seja de fato sinal, é preciso “vigiar para que a vida comum não se torne uma estrutura externa que não tem alma”.³⁶ Não se pode cair no formalismo de uma vida comunitária, somente cumprindo horários determinados pelo projeto comunitário, sem colocar vida nisso. Ir aos momentos orantes da comunidade sem participar realmente da oração, estando ali somente com o corpo e não por inteiro.

Assim, nós nos tornaremos meros funcionários e a vida em comunidade a partir da ótica da comunhão de vida vai ficando à mercê do individualismo. Aos poucos a comuni-

33. Ibid., n. 10.

34. GRÜN, Anselm; SARTORIUS, Christiane. *Amadurecimento espiritual e humano na vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 133.

35. Ibid.

36. BALLESTRE-RO, Anastasio. *I consecrati nella Chiesa e nel mondo*. Milano: Edizione Paoline, 1994. 93p.

dade religiosa vai se tornando uma pensão, ou uma república, à qual vamos somente para dormir e comer.

A comunidade religiosa, no seu sentido estrito, é um sinal de Deus no meio da sociedade da Modernidade líquida. Sinal de comunhão e de fraternidade. É a graça de Deus e os esforços humanos de cada membro que fazem com que ela seja este sinal. É necessário que a sociedade veja as comunidades religiosas e perceba que nelas se cumpre o mandamento de Jesus, que é o do amor.

Considerações finais

Após um caminho percorrido, podemos perceber que a Vida Religiosa Consagrada é um sinal de Deus no momento atual. Ela é profética. Quem sustenta a fidelidade desta forma de vida é o próprio Senhor.

Não podemos nos deixar ser seduzidos pelas influências negativas da Modernidade líquida. O nosso propósito deve ser o de anunciar o Cristo vivo, o Senhor que caminha com o seu povo na história. Mesmo diante de tantas correntes que procuram destruir o ser humano e a vida, a Vida Religiosa Consagrada vem para anunciar e primar por este ser humano e pela vida que ele possui. Aqui entendemos a destruição do ser humano nas várias esferas, sobretudo naquela que diz respeito a uma vivência com dignidade.

Portanto, a Vida Religiosa Consagrada, com o auxílio de Deus, o Senhor da vida e da história, continuará perpetuando a misericórdia e a presença deste mesmo Senhor entre os seres humanos, dizendo que a vida vale mais, mesmo quando o sistema diz o contrário.

A Vida Religiosa Consagrada na Modernidade líquida é um sinal profético da presença de Deus no mundo.

***Questões para ajudar a leitura
individual ou o debate em comunidade***

1. Como percebo o meu ser consagrado diante da realidade da Modernidade líquida?
2. Diante da espiritualidade vista a partir da perspectiva da relação, como se encontra a qualidade das minhas relações (com Deus, comigo mesmo e com o outro)?
3. Como percebo a vivência missionária de minha comunidade a partir da opção preferencial pelos pobres?
4. Como percebo que a minha comunidade é um sinal de Deus na Modernidade líquida?